

convergência

JULHO/AGOSTO • 1995 • ANO XXX N° 284

NEGROS E INDÍGENAS: NOVOS ROSTOS NA VIDA RELIGIOSA



convergência

CRB

40

anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

PRECONCEITO —

ESQUECIMENTO E MEMÓRIA 355

Pe. Spencer Custódio Filho, sj

PALAVRA DO PAPA

MISSÃO E MISSÕES 358

INFORME CRB 361

VIDA RELIGIOSA E NEGRITUDE 370

Pe. Sebastião Teixeira da Silva Filho, sdb

É POSSÍVEL HAVER VERDADEIRA INSERÇÃO
SEM INCULTURAÇÃO? 390

Pe. Rogério I. de Almeida Cunha, sdb

SER RELIGIOSO INDÍGENA NA AMAZÔNIA ... 398

Greni - Regional Norte I

NEGRITUDE: DESAFIO À VIDA RELIGIOSA 402

Aurino José Góis

DE COMO A VIDA RELIGIOSA TERIA
MUITO O QUE APRENDER COM OS
POVOS INDÍGENAS 410

Fr. Florêncio Almeida Vaz Filho, ofm

UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE EM TORNO
DO RITO CATÓLICO AFRO-BRASILEIRO 418

Fr. David Raimundo Santos, ofm

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ASSINATURA PARA 1995:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea RS\$ 37,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea RS\$ 85,00

Número avulso (Brasil) RS\$ 3,70

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica
(ERT) da CRB-NACIONAL

DIREÇÃO, REDAÇÃO,

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

PRECONCEITO —

ESQUECIMENTO E MEMÓRIA

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Nós vivemos em um país curioso. Um sinal disso é a formação/informação, recebida desde pequeninos, de que nestas terras não tínhamos preconceitos raciais, e havíamos descoberto a fórmula mágica para a perfeita convivência entre brancos, negros e indígenas. Com o tempo, fomos aprendendo/percebendo esquecimentos e silêncios que precisam ser retomados, lembrados e ditos, porque são necessários para a sociedade do presente, que já não cabe e não se reconhece na história de que dispõe para refletir-se. Não mais é possível silenciar sobre a questão racial e sobre a participação omitida de tantos irmãos e irmãs nos processos sociais em todas as suas dimensões.

A memória é a base da construção da história, a memória como registro do que não deve ser esquecido, daquilo que é importante para a preservação e para a construção da **identidade** de um povo ou de um grupo no interior de uma sociedade. Estamos, assim, diante daquilo que é tomado como evidente em si mesmo, que salta aos olhos, assim como estamos diante do que não se destaca, não se evidencia, mas que é também matéria a ser considerada, a ser percebida pelo olhar desconfiado que se posiciona em diferentes ângulos e planos. Lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados, clas-

sificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos das pessoas que deles guardam por muito tempo a lembrança viva. Assim, a memória não se confunde com a história; e a memória coletiva só o é para os grupos que dela partilham, seja como vivência do passado, seja como comemoração ritualizada.

É importante tomar a memória como uma das formas de domínio social, como um dos recursos do poder, assim como o seu contrário, o **esquecimento**. Silêncio e esquecimento são formas de controle social provocado, de um lado, pela censura, e de outro, pela superposição a uma lembrança ou a uma comemoração de outros objetos ou representações como simulacros para a construção de um outro motivo e para o esvaziamento do que antes se tinha como objeto de atenção. O esforço para o esquecimento contou com as mais diferentes estratégias, desde a eliminação de arquivos até o contar histórias em que a brutalidade, a violência extremada eram exceções, enquanto a solidariedade, a caridade e a generosidade eram largamente observadas. Mas, por maior que seja o controle da "história", outras histórias são contadas e escritas, mesmo que à sombra da história oficial, e passadas de geração a geração através de mecanismos comunitários na forma de tradições, sobretudo pela vida religiosa e através da arte.

Nos anos 70 eclodiram em Salvador/BA movimentos negros que, a exemplo de outros países, começaram a revisitar sua história num exercício politicamente dirigido para a busca das origens, como necessidade fundamental para a formulação da identidade negra. Com isso a questão racial, coberta pelas sombras do esquecimento e do silêncio, passou a ser reformulada. Assim, por exemplo, a lembrança da escravidão no culto oficial à Princesa Isabel, num ritual de purificação e enaltecimento de personagens generosos e brancos, transformava o 13 de maio num divisor de história e a redenção dos brancos. Na recuperação da sua memória comunitária, o grupo negro tomou, em lugar do 13 de maio, o 20 de novembro, em que é lembrado Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo que passou a representar simbolicamente a liberdade dos negros.

O movimento de recuperação da identidade negra, e também indígena, no transcorrer destes anos, acabou por repercutir no campo da vida religiosa. CONVERGÊNCIA decidiu, assim, no momento mesmo em que celebramos o COMLA V, dedicar todo um número duplo a esta questão, convidando a equipe do GRENI-nacional para se responsabilizar pelos textos que se seguem. Para alguns, certas posições parecerão um tanto panfletárias ou mesmo desprovidas de fundamento histórico. Todo tempo de opressão apresenta este ônus de um debate por vezes penoso, mas que a verdade evangélica exige seja levado até seu extremo.

Pe. **Sebastião Teixeira da Silva Filho, sdb** procura apresentar elementos para relacionar Vida Religiosa e Negritude e, em um segundo momento, levá-la a olhar como vive de maneira milagrosa e profética o povo negro. Para isso, é necessário sair do lugar privilegiado do pensamento racional europeu, deslocando-se o leitor para o lado do negro, com o seu jeito e

modo próprio de ser, de celebrar, de viver e sobretudo de fazer a experiência de Deus.

Em outro texto instigante, pe. **Rogério I. de Almeida Cunha, sdb** questiona sobre a possibilidade de haver uma verdadeira inserção sem que ocorra uma simultânea inculturação. Na vida religiosa, a questão da inculturação pretende justificar e animar um processo de entrega de pessoas que se lançam em contexto cultural diferente do próprio para levar a fé, conduzindo a uma posição contraditória: quem se insere num grupo humano de cultura diferente, com intenção missionária libertadora, assume a cultura deste grupo, para realizar nela o que descobriu na sua cultura de origem, a libertação cristã. Por que então o desejo de inculturar-se se o problema é levar algo para outra cultura e transformá-la?

Igualmente os indígenas têm uma memória recuperadora de identidade que o autor, Fr. **Florêncio Almeida Vaz Filho, ofm**, indígena do povo Maytapu, explora em seu artigo "De Como a Vida Religiosa Teria Muito o Que Aprender com os Povos Indígenas". Vale a pena prestar atenção com nossos olhos pós-modernos na referência aos simbolismos adotados na cultura indígena, o sentido do trabalho e do lazer, a vida comunitária na maloca, o sentido de pobreza através da partilha, a alegria e espontaneidade de suas festas. Fará bem à nossa alma!

Aurino José Góis, como agente de pastoral negro e ex-estudante dos padres jesuítas, retoma a questão da possibilidade de ser negro e ser religioso no atual contexto brasileiro, experiência vivida por ele até bem recentemente. A partir das implicações do assumir alguém o Ser Negro, analisa o dilema do negro religioso ou religioso negro diante de instituições marcadas profundamente por sua matriz branca e européia.

O **GRENI-regional norte** apresentamos a sua experiência do religioso indíge-

na no círculo específico da região amazônica, com seus desafios característicos. Por fim, Fr. **David Raimundo Santos, ofm** refaz o interessante histórico da caminhada de articulação dos religiosos negros a partir do encontro de Puebla e as primeiras reuniões em 1978, chegando até a constituição do GRENI-nacional.

Que tudo o que neste número de **CONVERGÊNCIA** é entregue a nossos irmãos e irmãs, qualquer que seja a raça que o destino universal lhes tenha reservado, pos-

sa levar a uma contemplação profunda do assunto tratado, e fazer com que, ao mesmo tempo que nos penitenciamos pela cegueira de outras épocas, possamos recuperar a riqueza que o dom de Deus nos havia ofertado há tanto tempo...

ARTIGOS PARA CONVERGÊNCIA

enviar para

Pe. SPENCER CUSTODIO FILHO sj

Avenida L 2 Norte — Q 601 B

BRASÍLIA-DF 70830-010

PALAVRA DO PAPA

MISSÃO E MISSÕES

1. Na linguagem tradicional, fala-se das “missões” no plural, e dos “missionários” que nelas trabalham por mandato específico. É um modo de se exprimir que não contradiz a unidade da “missão” da Igreja mas, antes, manifesta com maior intensidade este fundamental empenho de evangelização. Os missionários não só não obscurecem o princípio de que a Igreja inteira é missionária mas, ao contrário, realizam-no pessoalmente.

Que são as missões? Segundo o Concílio, trata-se das “atividades características com que os pregadores do Evangelho, indo pelo mundo inteiro, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a Igreja, entre os povos e os grupos que ainda não crêem em Cristo” (Decreto *Ad gentes*, 6). Na Encíclica *Redemptoris missio* é precisado que as missões são abertas nos territórios em que a Igreja “não está ainda radicada” e junto dos povos “cuja cultura ainda não foi influenciada pelo Evangelho” (RM, 34).

2. Podemos afirmar com certeza que essas atividades têm em vista a edificação da Igreja local. Não só contribuem para estabelecer estruturas e uma hierarquia eclesial, mas colaboram para formar comunidades de vida cristã, mediante o anúncio da Palavra de Deus e a administração dos Sacramentos. Já Sto. Tomás de Aquino falava dessa implantação da Igreja como Múnus apostólico (cf. 1 Sent., D. 16, q. 1, a 2 e 4; a. 3; Summa Theol., I, q. 43, a. 6; I-II, q. 106, a 4, ad. 4). Conceito que pertence a uma sólida tradição eclesiológica,

foi aprofundado pelos Pontífices do nosso século em diversos documentos, retomados pelo Concílio Vaticano II (cf. AG, 34). Tanto os meus venerados Predecessores como Sto. Tomás usam também a outra expressão: *dilatatio Ecclesiae*, isto é, a dilatação, o alargamento da Igreja (cf. Sto. Tomás, *Comm. in Matth.* 16, 28). O Concílio explica que “o meio principal desta implantação (e dilatação) é a pregação do Evangelho de Jesus Cristo... A partir da semente da Palavra de Deus, é necessário que se desenvolvam por toda a parte as Igrejas autóctones particulares”, no corpo da única Igreja, à qual os homens “são agregados pelo Batismo, e na qual se nutrem e vivem da Palavra de Deus e do pão eucarístico” (AG, 6) (cf. At. 2,42; 1 Pd. 1, 23). São Igrejas que, “dotadas de forças próprias e maturidade”, com hierarquia própria, dispõem dos meios apropriados para a vida cristã dos seus membros, e podem contribuir para o bem da Igreja inteira (cf. *ibid.*).

Este é o ideal a perseguir na atividade missionária: a fundação de uma Igreja que, por si mesma, proveja aos seus Pastores e a todas as necessidades da vida de fé, permanecendo em comunhão com as outras Igrejas particulares e com a Sé de Pedro.

3. Podem-se distinguir algumas etapas da atividade missionária (cf. AG, 6): o “início ou fundação”, com uma pregação do Evangelho, em ordem a conduzir os homens ao Batismo; a esta segue o “novo desenvolvimento ou período juvenil”, com a educação na fé e no modo de vida, com

a formação da comunidade local, o nascimento e o desenvolvimento das vocações sacerdotais e religiosas. Por intermédio desses momentos formativos é fornecida uma estrutura ministerial à comunidade, que a ajuda a desenvolver-se numa ótica de abertura e de cooperação missionária.

Sobre a atividade missionária e sobre o valor das missões não têm faltado, infelizmente, também em tempos recentes, incompreensões. Partindo do liame que, por causa de motivos históricos contingentes, durante certo período, se instaurou entre a atividade missionária e a colonização política, quis-se deduzir que o gradual desaparecimento do fenômeno histórico das colônias tivesse de ter, como consequência, o paralelo desaparecimento das missões.

A tais incertezas uniu-se a consideração de que nas Igrejas de antiga evangelização, de onde provinham muito missionários que atuavam nos "países de missão", aumentou cada vez mais a consciência de que o seu território estáse tornando "terra de missão", e necessita de uma "nova evangelização". Desse modo, apresentou-se o problema de optar entre as missões em países ainda não evangelizados e as tarefas urgentes de apostolado nos países de antiga cristandade.

4. A questão não pode ser resolvida com a escolha da segunda alternativa unicamente, com prejuízo da primeira. É verdade que "nos países de antiga cristandade" a necessidade de uma nova evangelização se faz sentir, onde "grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho" (RM, 33). Todavia, a atividade missionária específica permanece irrenunciável e deve ser realizada nos territórios em que a Igreja ainda não está fundada, ou onde o número de cristãos é exíguo. É preciso que a mensagem evangélica seja levada ao conhecimen-

to de todos, e as próprias comunidades de cristãos, também florescentes e exemplares, devem ser capazes de exercer uma influência benéfica nos costumes e nas instituições, mediante um diálogo profícuo com os outros grupos e as outras comunidades.

Como fiz observar na Encíclica citada, "o número daqueles que ignoram Cristo, e não fazem parte da Igreja, está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, desde o final do Concílio" (RM, 3). Isso ocorre porque o número de não-cristãos do mundo ter aumentado notavelmente, devido às conhecidas razões demográficas e a uma maior estabilidade na conservação de elementos religiosos quase conaturais às culturas.

5. Ademais, quanto à relação entre atividade missionária e política colonizadora de alguns países, é preciso analisar, com serenidade e limpidez de visão, os dados concretos: se nalgum caso a coincidência pode ter levado a comportamentos reprováveis por parte de missionários com relação às nações de origem ou na colaboração com os poderes locais, da qual, aliás, nem sempre era fácil prescindir, a atividade evangelizadora, contudo, considerada no seu conjunto, sempre se distinguiu por um objetivo bem diverso daquele das potências terrenas: promover a dignidade pessoal dos homens evangelizados, fazendo-os aceder à filiação divina, proporcionada a todos os homens por Cristo e comunicada aos fiéis no batismo. De fato, isso favoreceu em geral o progresso dos povos, rumo à liberdade e ao desenvolvimento, também no plano econômico-social. Os missionários agiam movidos pela estima que tinham pelos homens enquanto pessoas, amadas por Deus e remidas por Jesus Cristo.

Hoje, como ontem, a atividade missionária junto de povos ou grupos no âmbito dos quais a Igreja ainda não está presente e atuante, não responde a objetivos de

poder e interesse humano, nem é inspirada pelo orgulho de uma superioridade cultural e social. Quer antes ser — e na realidade é — um humilde serviço de amor a aqueles que ainda não receberam a luz e a vida de Cristo no âmbito da Igreja (*Ecclesia*), por Ele querida e fundada para a salvação do mundo inteiro.

O Concílio reconhece também que em certas situações a atividade missionária se deve limitar a uma presença discreta, porque ela não pode desenvolver-se em estruturas visivelmente organizadas e atuantes

(cf. AG, 6). Talvez precisamente em casos semelhantes os missionários representem, de modo ainda mais claro, a Igreja, fundada por Cristo para articular o Evangelho e para construir em toda a parte comunidades de salvação. Ela, com efeito, está bem consciente do mistério da Cruz, que comporta, às vezes como é amplamente ilustrado pela história a expectativa silenciosa e confiante da luz da Páscoa.

Alocução da Audiência geral de quarta-feira, 3 de Maio.

1. O QUE É PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES?

I. O NASCIMENTO

Nasceu na Bahia, a partir das reflexões das entidades negras, como instrumento de conscientização, articulação e apoio à juventude negra da periferia de Salvador.

Na Baixada Fluminense, surgiu de duas constatações:

- 1- A péssima qualidade do ensino de 2º grau na região. O sistema quer, conscientemente, eliminar a possibilidade de o pobre (branco e negro) ter acesso ao conhecimento acadêmico.
- 2- No último censo, o IBGE divulgou que a população negra (pardo = preto) do Brasil é de 44% do total da população brasileira. Se não houvesse um sutil "racismo à brasileira", 44% dos estudantes universitários brasileiros deveriam ser negros. No entanto, menos de 5% dos universitários brasileiros são negros!

Essas duas injustiças motivaram a experiência do pré-vestibular para negros e carentes, que hoje se multiplica pela Baixada Fluminense, Rio de Janeiro e por outras cidades do Brasil.

II. QUEM FINANCIA?

O trabalho é totalmente auto-sustentável, não gerando ônus financeiro para a comunidade, grupos de pessoas ou asso-

ciação de moradores, entre outros que o assumem. Cada aluno contribui mensalmente com 5% do salário mínimo. Este dinheiro é usado para xerox, apagador, giz e apostilas das matérias; sempre há dinheiro em caixa para pagar os gastos com passagens e lanches dos professores. Portanto, a entidade ou comunidade que se dispõe a entrar nesse *mutirão de educação alternativa* não necessita fazer campanha financeira entre seus membros, nem projetos para o exterior, pois os próprios estudantes têm assumido com consciência esta parte. Um outro aspecto é que, com este trabalho, combatemos a "indústria do pré-vestibular", que se beneficia da péssima qualidade de ensino no país, cobrando dos alunos altas mensalidades.

III. SÓ SE ESTUDAM MATÉRIAS DO VESTIBULAR?

O trabalho comunitário não quer ser uma extensão do automatismo de educação. A coordenação, alunos e professores fazem destes Pré-Vestibulares espaços alternativos para se discutirem e aprofundarem as grandes questões que angustiam a Sociedade. Para isso foi criada a **matéria CULTURA E CIDADANIA**, que é ministrada todos os sábados: para que sejam debatidas com os alunos e professores presentes questões tais como racismo, ideologia do embranquecimento, violência policial, direitos constitucionais, análise da conjuntura, etc. Ela tem a mesma carga horária semanal das outras disciplinas; no entanto, sua concepção pedagógica é diferente, pois abre caminho para que o conjunto construa uma nova visão de si e dos

outros (Sociedade), numa dinâmica que engloba: debates, análise de filmes, músicas e textos, dinâmica de grupo. Essa matéria não tem um único professor: a coordenação a mantém convidando para falar pessoas especializadas nos vários assuntos que são abordados.

IV. BALANÇO DE 1993/1994

Um Pré-Vestibular particular, aqui da Baixada, iniciou o ano de 1993 com uma turma de 50 alunos, e no final havia 15 alunos. O nosso, alternativo, iniciou, também em 1993, com 98 alunos e terminou com 50 alunos. Consideramos que foi alto o grau de perseverança. Dos que chegaram ao fim, 34% passaram nas universidades públicas tendo 4 pessoas ingressado na PUC Rio. A PUC, em apoio a essa experiência comunitária, concedeu para todos bolsas de estudos integrais! Para manter a bolsa até o fim do curso, não poderão ter média abaixo de seis. Essa bolsa é um grande incentivo à juventude negra e carente. Não só as bolsas, mas esse trabalho como um todo, está fazendo renascer a esperança na juventude das periferias, morros e favelas.

Em janeiro de 1994 tínhamos apenas um pré-vestibular organizado. Foi o Pré da Matriz de São João de Meriti. Ampliamos o número de vagas de 100 para 150, e começamos a receber inscrições. No dia 18/02/94, último dia para as inscrições, tínhamos um total de 716 pessoas inscritas! Fomos surpreendidos pela grande procura, e imediatamente começamos a estimular a abertura de novas frentes.

Ao longo de 1994 nasceram no Estado do Rio de Janeiro 23 novos Pré alternativos, articulados entre si. Em São Paulo, Pará, Minas Gerais, etc nasceram outras experiências seguindo a mesma proposta de trabalho. O Jornal do Brasil do dia 29/09/94, na página 16, fez uma importante reportagem com a experiência que nasceu em São Paulo, dentro da USP.

No Vestibular de meio de ano/94, conseguimos bolsas de estudos no valor de 40% na Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac e no valor de 80% na Universidade Estácio de Sá. Do total de alunos aprovados na Estácio de Sá, 69 assumiram a bolsa de estudos e estão fazendo mais de 10 diferentes cursos superiores.

V. FUNCIONAMENTO

O curso funciona como um *intensivão*, somente aos sábados, das 8h às 20h, com cinco minutos de intervalo entre as aulas e uma hora e meia para almoço. Alguns funcionam durante a semana, à noite.

Cada frente está organizada de maneira diferente no que se refere ao almoço, o que mostra a criatividade e solidariedade da juventude. Trazem de casa os alimentos, e em pequenos grupos os partilham. Vão às pensões da localidade em número de três e, juntos, partilham uma única refeição! Alguns Prés organizam cozinhas próprias: cada um traz um quilo de alimento, e os pais dos alunos encarregam-se de fazer a comida. Outros contam com o apoio da Associação de Moradores, que assume a cozinha, e no fim do mês rateiam-se os gastos.

Os vários prés existentes funcionam nos seguintes municípios:

CAXIAS

- Centro – COLÉGIO S. FRANCISCO
- Centro – COLÉGIO METODISTA ÁLVARO ALBERTO
- Pilar – FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES
- Nova Campinas – ESCOLA MUNICIPAL

PETRÓPOLIS

- Centro – IGREJA SAGRADO CORAÇÃO

RIO DE JANEIRO

- Rocinha – IGREJA METODISTA
- Gamboa – IGREJA METODISTA
- Cascadura – CIEP da rua Ferraz
- Jacarepaguá – IGREJA CATÓLICA
- Anchieta – Associação
- Campo Grande – IGREJA CATÓLICA

MAGÉ

- Centro – ESCOLA ESTADUAL

SÃO JOÃO DE MERITI

- Centro – COMUNIDADE SANTA CLARA
- Centro – MATRIZ
- São Mateus – CADT's
- Eden – IGREJA CATÓLICA
- Vilar dos Teles – ABM
- Vilar dos Teles – COLÉGIO LUTHER KING
- Coelho da Rocha – CAC

NILÓPOLIS

- Centro – IGREJA NOSSA SENHORA APARECIDA

BELFORD ROXO

- Bairro Itaipu – IGREJA CATÓLICA

NOVA IGUAÇU

- Miguel Couto – COLÉGIO ESTADUAL

VI. COMO SE ABRE UMA FRENTE?

O primeiro passo é ter um grupo de pessoas da localidade interessado nessa proposta comunitária. Fazem algumas reuniões para refletirem a proposta e definem uma coordenação provisória para o trabalho. Na maioria das vezes essa proposta nasce de uma entidade popular. Exemplos:

Agentes de Pastoral Negros, Associação de Moradores, Pastoral da Juventude, etc.

Sempre que possível, uma pessoa de um dos Prés já organizados vai levar sua experiência aos Prés que estão começando.

Cada Pré-Vestibular para negros e carentes que está nascendo é totalmente autônomo, tem vida própria, coordenação própria, etc. Articulam-se em Assembléias periódicas. As quatro primeiras foram: São João de Meriti (Matriz), Vilar dos Teles (ABM), Duque de Caxias e Bairro São Mateus.

O segundo passo é escolher e conseguir o espaço no qual a experiência irá se concretizar: na rede da Associação de Moradores? Numa Igreja Evangélica? No Sindicato? Num CIEP? Numa Escola Municipal? Numa Escola Particular? Num Salão da Igreja Católica?

O terceiro passo é visitar os professores que moram no bairro, apresentar-lhes a proposta e **convidá-los para serem mais um Voluntário** no mutirão da educação alternativa, doando apenas uma hora de aula por semana, ministrando a matéria de sua preferência.

VII. CONCLUSÃO

Os mais de 250 professores e coordenadores envolvidos nessa experiência sentem-se profundamente gratificados pelo espaço novo de partilha, no qual a consciência política, racial e de cidadania e a visão crítica do direito e da justiça se desenvolvem. Mas a alegria é indescritível quando se vê a corajosa tentativa de ex-alunos que já ingressaram em várias Universidades de se ORGANIZAREM EM UMA ASSOCIAÇÃO. Já temos jovens nas seguintes Universidades: UERJ, UFF, UFRJ, PUC, Universidade Estácio de Sá, Nuno Lisboa, AFE, Faculdade de Enfermagem Luiza de Marilac e UNI-RIO. Temos consciência de todas dificuldades e

empecilhos encontrados pelo povo de base para se organizarem, mas temos esperanças de que esse trabalho se enquadre de cheio na proposta do nosso mestre que nos diz que “devemos ser fermento na massa”.

2. SETE ATOS OFICIAIS QUE DECRETARAM A MARGINALIZAÇÃO DO POVO NEGRO NO BRASIL

INTRODUÇÃO

Durante a Campanha da Fraternidade de 1988, um padre afirmou que se o negro continua hoje na miséria, é porque sofre de *indolência* e não se esforça para prosperar. E ele continuou sua explicação valendo-se de um exemplo: “Olhe os japoneses: chegaram ao Brasil bem depois e, por serem trabalhadores, prosperaram e estão bem de vida!”

Na verdade, opiniões superficiais como essa são repetidas por milhares de pessoas em todo Brasil. Os sete atos que se seguem, e que serão objeto de nossa reflexão, tentam provar-nos que os opressores do povo negro organizaram as leis e a sociedade brasileira decretando a **marginalização** para o povo negro e seus descendentes. Esse tipo de rejeição não foi direcionado aos japoneses, e nem aos imigrantes europeus.

1º ATO OFICIAL: BULA PAPAL DE 16 DE JUNHO DE 1452

Através desta Bula (Dum Diversas) ao Rei de Portugal Afonso V, o papa Nicolau V diz: “... nós lhe concedemos, por estes presentes documentos, com nossa Autoridade Apostólica, plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo, onde quer

que estejam, como também seus reinos, ducados, condados, principados e outras propriedades... E REDUZIR SUAS PESSOAS À PERPÉTUA ESCRAVIDÃO, E APROPRIAR E CONVERTER EM SEU USO E PROVEITO DE SEUS SUCESSORES, os reis de Portugal, EM PERPÉTUO, os supramencionados reinos, ducados, condados, principados e outras propriedades, possessões e bens semelhantes...”. Em 8 de janeiro de 1454, esses poderes foram estendidos aos reis da Espanha.

Apoiados nestes documentos, os reis de Portugal e Espanha promoveram uma *devastação* do continente africano, matando e escravizando milhões de habitantes. A África era o único continente do mundo que dominava a Tecnologia do ferro; com esta invasão, seguida do massacre promovidos pelos povos brancos e da sua exploração colonizadora, o continente africano ficou com as mãos e os pés amarrados e assim permanece até hoje.

O Papa Leão XIII, em sua Encíclica “in Plumiris” dirigida aos bispos brasileiros em 5 de maio de 1888, transmite-nos a frieza, a crueldade e as proporções do massacre promovido pelos exploradores: “Do testemunho destes últimos resulta, mesmo que o número dos Africanos assim vendidos cada ano, à maneira dos rebanhos de animais, não se eleva a menos de quatrocentos mil, dos quais cerca da metade, após serem cobertos de pancadas ao longo de um áspero caminho, sucumbem miseravelmente, de tal sorte, que os viajores que percorrem aquelas regiões podem, quão triste é dizê-lo (!) reconhecer o caminho que os destroços de ossadas marcaram”.

Este relato do massacre (“cerca de metade, após serem cobertos de pancadas ao longo de um áspero caminho, sucumbem miseravelmente”) que nos é transmitido neste documento papal deve calar fundo em nossa consciência histórica de defensores da justiça do Reino de Deus. Todo

Cristão que tem senso de justiça deve reler estes 500 anos de colonização a partir das vítimas dessa catástrofe colonizadora!!!

2º ATO OFICIAL: LEI COMPLEMENTAR À CONSTITUIÇÃO DE 1824

“... Pela legislação do império os negros não podiam freqüentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas.”

Os poderosos do Brasil não ignoravam que o acesso ao saber sempre foi uma alavanca de ascensão social, econômica e política de um povo. Com este decreto, os racistas do Brasil encurralaram a população negra nos porões da sociedade. Juridicamente este decreto agiu até 1889, com a proclamação da República. Na prática, a intenção do decreto funciona até hoje. Por exemplo: por que o governo não dispensa às escolas da periferia o mesmo tratamento que dispensa às escolas das cidades? Como é que um negro favelado terá motivação para estudar numa escola de péssima qualidade? Os CIEP's tentam reverter essa situação.

3º ATO OFICIAL: LEI DE TERRAS DE 1850, Nº 601

Quase todo o litoral brasileiro estava povoado por *quilombos*. Os quilombos eram formados por negros que, através de diferentes formas, conquistavam a liberdade. Aceitavam brancos pobres e índios que quisessem aderir ao seu projeto de vida. Lá viviam uma alternativa de organização social, tendo tudo em comum. As sobras de produção eram vendidas aos brancos das vilas. O sistema, percebendo que crescia o poder econômico do negro e que os brancos do interior estavam perdendo a valiosa mão-de-obra para sua produção, decreta a LEI DE TERRA. “... a partir desta nova lei as terras só poderiam ser obtidas

através da compra. Assim, com a dificuldade de obtenção de terras que seriam vendidas por preço muito alto, o trabalhador livre teria que permanecer nas fazendas, substituindo os escravos”.

A partir daí, o exército brasileiro passa a ter como tarefa *destruir os quilombos, as plantações e levar os negros de volta às fazendas dos brancos*. O exército exerceu esta tarefa até 25 de outubro de 1887, quando um setor solidário ao povo negro criou uma crise interna no exército e comunica ao império que não mais admitia que o exército fosse usado para perseguir os negros que derramaram seu sangue defendendo o Brasil na Guerra do Paraguai.

A lei de terras não foi usada contra os *imigrantes europeus*. Segundo a coleção “Biblioteca do Exército”, considerável parcela de imigrantes recebeu *de graça* grandes pedaços de terras, sementes e dinheiro. Isto veio provar que a lei de terras tinha um objetivo definido: tirar do negro a possibilidade de crescimento econômico através do trabalho em terras próprias e embranquecer o país com a maciça entrada de europeus.

4º ATO OFICIAL: GUERRA DO PARAGUAI (1864 - 1870)

Foi um dos instrumentos usados pelo poder para reduzir a população negra do Brasil. Foi difundido que os negros que fossem lutar na guerra receberiam, ao retornar, a liberdade, e os já livres receberiam terra. Além do mais, quando chegava a convocação para o filho do fazendeiro, este o escondia e, no lugar do filho, enviava de 5 a 10 negros.

Antes da guerra do Paraguai, a população negra no Brasil era de 2.500.000 pessoas (45% do total da população brasileira). Depois da guerra, a população negra do Brasil se reduziu a 1.500.000 pessoas (15% do total da população brasileira).

Durante a guerra, o exército brasileiro colocou o nosso povo negro na frente de combate, e foi grande o número de mortos. Os poucos negros que sobraram vivos eram os que sabiam manejar as armas do exército, e Caxias escreveu para o Imperador demonstrando temor com relação a este fato: "... à sombra dessa guerra, nada pode livrar-nos de que aquela imensa escravatura do Brasil dê o grito de sua divina e humanamente legítima liberdade, e tenha lugar uma guerra interna, como no Haiti, de negros contra brancos, *que sempre tem ameaçado o Brasil*, e desapareça dele a escassíssima e diminuta parte branca que há”!

5º ATO OFICIAL: LEI DO VENTRE LIVRE (1871)

Esta lei até hoje é ensinada nas escolas como uma lei boa: “toda criança que nascesse a partir daquela data nasceria livre”. Na prática, esta lei separava as crianças de seus pais, desestruturando a família negra. O governo abriu uma casa para acolher estas crianças. De cada 100 crianças que lá entravam, 80 morriam antes de completar um ano de idade. O objetivo desta lei foi tirar a obrigação dos senhores de fazendas de criarem nossas crianças negras, pois, já com 12 anos de idade, as crianças saíam para os QUILOMBOS à procura da liberdade negada nas senzalas. Com essa lei, surgiram os primeiros menores abandonados do Brasil. Em quase todas as Igrejas do Brasil os padres tocaram as sinos aplaudindo a assinatura dessa lei.

6º ATO OFICIAL: LEI DO SEXAGENÁRIO (1885)

Também é ensinada nas escolas como sendo um prêmio do “coração bom” do senhor ao escravo que muito trabalhou. Na verdade, essa lei foi a forma mais eficiente encontrada pelos opressores para jogar na

rua os velhos doentes e impossibilitados de continuar gerando riquezas para os senhores de fazendas; surgiram, assim, os primeiros mendigos nas ruas do Brasil.

7º ATO OFICIAL: DECRETO 528 — DAS IMIGRAÇÕES EUROPEIAS (1890)

Com a subida ao poder do partido Republicano, a industrialização do país passou a ser ponto chave. A indústria precisava, fundamentalmente, de duas coisas: matéria-prima e mão-de-obra. Matéria-prima, no Brasil, não era problema. Quanto à mão-de-obra, à primeira vista também não era problema pois a mão-de-obra do povo negro estava aí, disponível! A mão-de-obra passa a ser problema quando o governo descobriu que, se o negro ocupasse as vagas nas indústrias, iria surgir uma classe média negra poderosa que colocaria em risco o processo de embranquecimento do país. A solução encontrada foi decretar, no dia 28 de junho de 1890, a reabertura do país às imigrações europeias, e definir que os negros e asiáticos só poderiam entrar no país com a autorização do congresso. Essa nova remessa de europeus vai ocupar os trabalhos nas nascentes indústrias paulistas e, assim, os europeus pobres são usados mais uma vez para marginalizar o povo negro.

OBSERVAÇÕES:

- 1- A lei áurea não foi elencada entre os 7 atos porque se trata de uma farsa! Na prática, quando a lei foi assinada, só 5% do povo negro vivia ainda sob regime de escravidão. Os demais tinham conseguido a libertação através dos próprios esforços!
- 2- Surgiu um movimento exigindo que o governo indenizasse os senhores de escravos que haviam perdido seus escravos. Rui Barbosa reagiu dizendo: “Se

alguém deve ser indenizado, indenizem os escravos!” Portanto, ele tinha plena consciência das injustiças da sociedade contra o povo negro.

- 3- A ideologia do embranquecimento nunca deixou de ter fortes adeptos no Brasil; Getúlio Vargas foi um partidário dessa ideologia. Reflitam o conteúdo do decreto nº 7.967, artigo 2º, de 18 de setembro de 1945: “atender-se-á, na admissão dos imigrantes, a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia, assim como a defesa do trabalhador nacional”.

3. BRASIL: JUSTIÇA SOCIAL E O NEGRO

Desde que se constituiu a sociedade brasileira, o poder tem estado sob total controle de um setor da sociedade e que, de maneira quase tirânica, marginaliza conscientemente o indígena e o negro.

Para as entidades negras em processo de conscientização, a população não branca no Brasil chega a 70% de sua totalidade. No entanto, o censo oficial do governo, por interesses outros, apresenta números inferiores. Exemplo:

Ano	Branco	Negros + Morenos	Total
1940	64%	36%	100%
1950	62%	38%	100%
1960	61%	39%	100%
1980	55%	45%	100%

Como nossas organizações negras não têm condições de elaborar um censo alternativo, somos obrigados a basear todos os nossos estudos nos dados oficiais do governo.

Neste ano de 1992 o governo divulgou o total geral da população do Brasil: **146.155.000 habitantes**. A população por etnia só será computada posteriormente. Aplicando a percentagem de 1980, que foi de 45%, concluímos, por estimativa, que a população negra + morena hoje é de **65.809.750 pessoas!**

Voltando ao censo de 1980 e perguntando em que faixa etária está a maioria da população negra brasileira, o resultado é o seguinte:

Faixa etária	Percentagem
0 — 14	42%
15 — 24	21%
25 — 44	23%
45 — 54	7%
54 ou mais	7%
Total	100%

Percebemos que a maioria da população negra, 42%, está na juventude! Isto nos deixa bastante animados, cheios de esperanças!

No entanto, a esperança é abalada quando nos perguntamos: *Qual é a situação da juventude negra brasileira?*

...A pergunta, por si só, já causa um impacto! Eis algumas dicas de resposta:

- 1- Não temos dados oficiais; no entanto, acreditamos que ultrapasse em **50%** o número de jovens negros desempregados, vivendo de biscates.
- 2- O Brasil tem 23 milhões de adolescentes em idade escolar que não encontram vagas nas escolas. Deste total, 20 milhões são adolescentes negros!
- 3- Aproximadamente 80% da população dos presídios do Brasil é de origem racial negra, a grande maioria desse

S I C I P I E V O C O

contingente é constituída de jovens. Há um ditado que diz que “no Brasil, prisão é só pra preto e pobre”.

- 4- Quase 90% dos “meninos de rua” são negros. Enquanto existir no Brasil “maiores abandonados”, existirão menores abandonados. Um pai de família desempregado ou ganhando por mês um salário mínimo jamais poderá educar com dignidade seus filhos.
- 5- A maior parte das vítimas dos traficantes de drogas é de jovens negros.
- 6- A grande maioria dos moradores das favelas que vivem em situação de miséria é composta por adolescentes e jovens negros.

Diante desse preocupante quadro, nós, negros católicos, somos convocados pela força do Espírito de Deus para atuarmos com a missão de reverter este quadro.

No entanto, nós, negros brasileiros em processo de conscientização, ficamos diante de um impasse: **QUAIS SÃO AS NOSSAS REAIS FORÇAS PARA TRANSFORMARMOS ESTA DESUMANA REALIDADE?**

As forças contrárias, que querem manter essa realidade de injustiça, são extremamente poderosas; sem contar com a solidariedade de outros setores da sociedade, nós nos sentimos fracos. **Eis como agem as forças da marginalização:**

- 1- A ideologia do embranquecimento introjetou no povo negro, ao longo destes 500 anos, a idéia da inferioridade da raça negra. Hoje, de cada 100 pessoas de origem racial negra, 70 não aceitam a sua raça e vivem em conflito interior, assumindo valores e padrões da raça branca.
- 2- “Preto não vota em preto” — como consequência dessa mentalidade, em várias regiões onde 90% dos habitantes têm origem racial no povo negro os que

ganham as eleições, em quase sua totalidade, são os brancos.

- 3- A televisão e os demais meios de comunicação dificilmente colocam pessoas negras nas novelas e demais programações. Os programas infantis ignoram que o país é de maioria negra, e só adotam o padrão cultural branco.
- 4- Leis oficiais do governo, que praticamente deixaram a população negra amarrada e impossibilitada de participar, em condições de igualdade, da sociedade. Exemplos: A **Constituição Federal de 1824**, que proibia o negro de freqüentar escolas. A **Lei da Terra de 1850**, que proibia o acesso à terra para a população negra e a distribuía, de graça, para os imigrantes europeus.
- 5- Regulamentos internos das forças armadas e das polícias militares que dificultavam aos negros ascender aos altos escalões.
- 6- Regulamentos internos das congregações, ordens religiosas e dioceses que dificultavam o ingresso de negros. Se não existissem “ontem” aqueles regulamentos, deveríamos ter hoje, no Brasil, aproximadamente 8 mil sacerdotes negros. No entanto, só temos aproximadamente 300 sacerdotes negros!
- 7- A média salarial dos **negros com estudos superiores é 30%** menor que a média salarial dos brancos com estudos superiores.
- 8- Na atual e violenta crise econômica, os primeiros a perderem seus empregos são, quase sempre, os negros.

Diante desse quadro, as organizações civis e religiosas do Brasil se sentem frágeis, e tudo o que fazem não passa de “uma gota de água no oceano”.

A sociedade branca norte-americana, assumindo publicamente o seu racismo, fez com que a comunidade negra criasse estruturas que investisse no crescimento da

comunidade negra. Um exemplo disso são as igrejas norte-americanas, que exerceram um papel decisivo na conscientização e tomada de posição da comunidade negra. No Brasil, a sociedade branca investiu alto na falsa afirmação de que não há discriminação racial no país. Este ato hipócrita "amorteceu" a consciência da comunidade negra a ponto de, hoje, muitos negros afirmarem que há total igualdade racial no Brasil e serem contra as organizações de conscientização negra.

VOCAÇÃO AGRÍCOLA

A exemplo dos africanos, o negro brasileiro mantém sua vocação natural à agricultura. Do total da população brasileira que trabalha na lavoura, **50% são negros e morenos.**

No entanto, em sua grande maioria, trabalham como empregados nas terras dos brancos, ganhando um péssimo salário, que não lhes permite investir na promoção dos filhos. Os adolescentes têm como perspectiva trabalhar como empregados, a exemplo dos pais. A reforma agrária que hoje é desenvolvida no Brasil não supre as necessidades da comunidade negra. Os grandes beneficiados são os brancos pobres, que têm prioridade.

TRABALHOS URBANOS

Do total da população negra ativa, 26% ganha até 76 dólares mensais, 23% ganha até 380 dólares mensais, 2% até 760 dólares mensais e 1% acima de 760 dólares mensais. A grande maioria, 48%, não tem

rendimentos. Vivem de pequenos serviços, do subemprego ou de esmola (IBGE).

Na cidade de São Paulo, segundo levantamento realizado pela Universidade de Campinas em 1987, apesar de os trabalhadores negros ganharem em média só 58% dos salários dos brancos, eles trabalham em média 44 horas por semana, enquanto a média de trabalho semanal dos brancos chega a 43 horas.

Nessa mesma cidade de São Paulo, a remuneração média por hora dos negros e morenos é de 0,25 dólares, enquanto a remuneração média por hora dos brancos é de 0,48 dólares.

Segundo o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, 84% dos negros e 87% dos morenos residentes no município mais populoso do Brasil (Nova Iguaçu) não possuem carteira de trabalho e, conseqüentemente, não têm benefícios da previdência social nem para eles nem para suas famílias.

EDUCAÇÃO

Dos brasileiros com mais de 9 anos de estudos, somente 21% são negros, e 50% da população negra é analfabeta.

Os livros didáticos tornam-se uma fonte reprodutora do racismo. Quase sempre, quando querem destacar uma atitude positiva, usam a figura de uma criança branca, e quando querem condenar uma atitude negativa, usam a figura da criança negra. Por exemplo: "somente as crianças más jogam pedra na vidraça". E ilustram esse gesto errado com a imagem de uma criança negra.

VIDA RELIGIOSA E NEGRITUDE

Pe. Sebastião Teixeira da Silva Filho, SDB*
Ceilândia – DF

O racismo é uma ferida.
Suas marcas impregnaram a
Vida Religiosa. Ela está até hoje
aberta, sem se cicatrizar.
Os ferimentos foram profundos
e só podem ser compreendidos à
luz da história do povo negro.

INTRODUÇÃO

A reflexão que segue possui dois objetivos: o primeiro é apresentar elementos para relacionar VIDA RELIGIOSA E NEGRITUDE. O segundo quer ser mais uma fonte para dar início a uma reflexão que fundamente a Vida Religiosa diante da realidade em que vive, de maneira milagrosa e profética, o povo negro. Essa é uma das emergências evangélicas da missão inculturada.

Para relacionar Vida Religiosa e Negritude, é preciso deixar o lugar privilegiado do pensamento racional europeu, e colocar-se ao lado do negro, com o seu jeito e modo próprio de ser, de celebrar, de viver e sobretudo de fazer a experiência de Deus. Sem não nos colocarmos no lugar do povo negro, vamos continuar repetindo e implan-

tando modelos de Vida Religiosa que não condizem com a realidade cultural desse povo. Sem esse ponto de referência, a Vida Religiosa acaba limitando o anúncio da BOA NOVA; conseqüentemente, terá limitadas as suas possibilidades de encontrar a semente do evangelho presente nas diversas culturas.¹

O texto apresentado é uma reflexão que parte da militância nos grupos e nos encontros dos religiosos negros, Padres e Bispos e negros, formandos negros e nos agentes de Pastoral Negros. É uma reflexão subjetiva, que tem como ponto de chegada *um ser comprometido com a causa da negritude*.

A redação proposta contém três partes. A primeira aborda a dialética entre Vida Religiosa e Negritude; a segunda aborda a realidade do vocacionado(a) negro(a) dentro da Vida Religiosa, e a terceira parte, os avanços do ser religioso(a) negro(a) e os elementos novos da caminhada do ser religioso(a) negro(a).

A polêmica que se cria em torno da temática fortalece o seu caráter inacabado. São inquietações localizadas na vontade de responder a essa situação de NÃO SER DO NEGRO(A).

É TEMPO DE UM NOVO ADVENTO

* O AUTOR: Sebastião Teixeira da Silva Filho é presbítero da congregação dos Salesianos de Dom Bosco (SDB); atualmente, trabalha no CEMIM — Centro Miguel Magone — fundação para atendimento a jovens carentes localizado na Ceilândia Norte, Distrito Federal. É membro da Coordenação do GRENI e da Articulação dos Salesianos Negros. Também trabalha como assessor de outros vários grupos de base, que trabalham e refletem a questão da negritude.

I. NEGRITUDE E VIDA RELIGIOSA

1. MODERNIDADE E VIDA RELIGIOSA

O postulado da modernidade teve o seu início no século XVII e se fundamentou nos séculos seguintes, caracterizando-se por um processo secular da evolução da consciência da individualidade, dos instrumentos da racionalidade, do desejo de liberdade e da percepção do mundo natural. Estas características lançam a modernidade a uma utopia da construção de um mundo, ampliador dos horizontes da liberdade da vida humana.

No contexto concreto da América Latina, o postulado da modernidade é caracterizado pela transposição, quase que na sua totalidade, da evolução Européia que resulta na escravidão de africanos, no genocídio de populações indígenas, na depredação da natureza, no aumento da desigualdade, nas atrocidades de ditaduras militares, na concentração de privilégios, na degradação moral, na desarticulação cultural, na desvalorização de valores culturais e na perda da identidade e da liberdade individual.²

Neste contexto da modernidade encontramos a Vida Religiosa, com suas limitações, desafios e avanços.

A Vida Religiosa, ao longo destes últimos séculos, ora buscava soluções para os grandes desafios, oriundos da sociedade moderna, ora se aliava ao pensamento ocidental de poder, menosprezando o fato de estar no mundo e de ser comprometida com a realidade que a cerca. Portanto, a Vida Religiosa foi e é profética, quando no seu anúncio é capaz de denunciar toda estrutura contrária à construção de um mundo novo, capaz de ampliar os horizontes de liberdade da pessoa humana, apressando a

realização do reino definitivo. Deixou de ser profética quando aliou-se ao poder de que se rendia à cultura européia, importada, não valorizando a cultura dos que não compactuavam com ela. O absolutismo cultural aqui implantado ignora a dura realidade de milhões de vidas humanas que sofrem na pele a condição do NÃO-SER. Diante dos desafios, com frequência o anúncio do Evangelho se confundia com a imposição da religião mais forte, e muitas vezes a Vida Religiosa, indiferente, manteve-se em silêncio diante da violência e da exploração, legitimando graves injustiças.

Um grande sinal de profetismo da Vida Religiosa foi, sem dúvida, a abertura proporcionada a partir do Vaticano II e fundamentada em Medellín e Puebla, com a opção preferencial pelos pobres.

Isso se manifesta em dados importantíssimos, para a caminhada da Vida Religiosa na América Latina e no Brasil, abrindo um vasto caminho rumo à inculturação da semente do Verbo Encarnado. Só é lamentável que muitas de suas propostas de mudanças não saíram do campo das idéias, provocando um vácuo na esperança utópica de seus destinatários. Portanto, Vida Religiosa e Modernidade possuem projetos e metodologia diferentes, mas um objetivo comum, que é melhorar a qualidade de vida da humanidade. A primeira tem por missão específica o anúncio da Boa Nova nas diversas culturas. Neste relacionamento com as culturas, a Vida Religiosa não consegue acompanhar o desenvolvimento dinâmico que a modernidade se impõe. Assim, a modernidade perfaz uma trajetória de soberania, visto que é ela quem determina as regras do jogo.

A relação dialética entre Vida Religiosa e modernidade pode nos ajudar a abrir novos horizontes, a buscar novos caminhos humanísticos e evangélicos, capazes de nos proporcionar a possibilidade de reinventar

a Vida Religiosa. À luz dessa reflexão, cabe à Vida Religiosa inculturar-se e retornar às fontes. Também cabe à Modernidade, com o resgate da subjetividade, fundamentar a valorização da emergência do sujeito, resgatando a comunicabilidade do aspecto comunitário e trinitário da experiência comunitária.

O que se espera da relação entre Vida Religiosa e Modernidade é que a Vida Religiosa possa ser e ter, de fato, sinais da Boa Nova. Que possa ser anunciadora e denunciadora, aberta e acolhedora de toda a realidade que a cerca, principalmente desta voz que clama por uma subjetividade pronta para ecoar na boca de milhões de negros(as), de indígenas, de leigos(as), que a cada novo dia engrossa a luta por seu modo de estar no mundo, dos sem vez e sem voz. Sem isso, a Vida Religiosa jamais compreenderá elementos importantes que a modernidade suscitou em seu seio. Por exemplo: o despertar dos novos sujeitos Negros(as), mulher, indígena, leigo(a) e outros.

2. CONTEXTUALIZANDO A NEGRITUDE

“A identidade do negro é vital para uma tomada de consciência que o motive a lutar para libertar-se do atraso, da miséria e da marginalização, à qual foi relegado historicamente. Ao tomar consciência dessa injustiça, impõe-se ao negro uma luta definida na busca de sua identidade”.³

“O Negro na América Latina vive a realidade da pobreza, do racismo e da discriminação. Frequentemente o negro é vítima do desemprego e do subemprego, vive em condições desumanas e é considerado perigoso e fora do âmbito da lei. Nenhum outro segmento da população viveu tanta desestruturação psicológica e social ao longo de sua história, do que a mulher negra”.⁴

Nós, negros, estamos situados numa América Latina marcada pela pluralidade étnica e cultural. É nessa diversidade que se radicam as diversas culturas universais. Entretanto, não se concebe a América Latina sem a presença inestimável da cultura negra: no Caribe, no Brasil e na América do Sul.

Na América Latina, torna-se coesa essa comunidade discriminada, numa luta por libertação, e daí nasce a utopia que tropeça na diversidade de objetivos das muitas frentes, que travam suas batalhas contra o inimigo comum. Nada adiantará se na reivindicação dos valores culturais estes permanecerem à margem de seus criadores. A luta pela libertação parte da tomada de consciência de que o *Quilombo páscua está próximo*. A partir dessa diversidade — que é a realidade atual do negro — é que este deve assumi-la para conquistar *o seu jeito de ser e estar no mundo*.

Esse jeito de ser e de estar no mundo compreende algumas características: um profundo sentido da presença de Deus, que está em tudo e em todos e que toma partido pelos mais necessitados; um profundo sentido de família, que vai além das relações primárias para incluir avós, tios, primos, sobrinhos, etc; um profundo sentido de liberdade e de dignidade, que leva à luta e à resistência à opressão; um sentido de solidariedade, que leva a partilhar a vida com todos os que sofrem; um sentido de reconciliação, que leva a perdoar e aceitar como pessoas inclusive o opressor.⁵

O negro tem, nesse palco Latino-Americano, a mais longa e ininterrupta tradição de luta pela liberdade. As instituições exercem um papel fundamental no processo gerador e mantedor do sistema de opressão, de exclusão e de discriminação:

— Obrigam o negro a assumir uma identidade nacional em qualquer país multirracial, na quase totalidade;

- Excluem o negro de todo e qualquer processo decisório;
- Negam ao negro um espaço dentro do estado — negam-lhe cidadania;
- Reforçam o poder político das classes dominantes dentro dos mecanismos de poder e de controle político;
- Freiam as tendências às transformações estruturais da sociedade;
- Reforçam implícita ou explicitamente uma política racista e discriminatória.
- Implantam um racismo possuidor de um corpo invisível, fundamentado na democracia racial.

No espaço eclesiástico e na Vida Religiosa, também o negro continua lutando, buscando o seu lugar, uma vez que ele ainda não foi aceito como sendo também criador e precursor desta história; assim, continua à margem desse processo.⁶

Em todas as religiões, atualmente, encontram-se formas de resistir à opressão ao negro; nelas ele busca seu próprio espaço de identidade e vivência cultural, procurando fontes que alimentem a sua fé.

A mentalidade racista e discriminatória apresenta o negro como alguém que se acomodou e que não melhorou sua condição de vida porque não quis. A verdade é que o negro nunca esteve de braços cruzados diante do sistema de opressão. Sempre esteve presente nas diversas maneiras de lutar, utilizando diferentes estratégias, desenvolvendo lutas de resistência para o seu processo de libertação. Os quilombos são um exemplo de luta e de resistência.

Ao longo da história do povo negro, veremos que importantes instituições foram criadas em defesa dos direitos dos negros e para a concretização dos seus objetivos.

A dominação que o povo negro sofreu, e que o caracteriza, enquanto “oprimido”,

tem como origem o processo que se desenvolve por meio da discriminação racial pelas facções políticas, econômicas, religiosas e sociais.

Mais tarde veio o mito da democracia racial, que tentou colocar o negro num contexto social no qual as oportunidades são iguais para todos. Com isso, surge uma nova ideologia sobre a comunidade negra; juntamente com elas vêm novas táticas, muito mais filtradas, de discriminação e exclusão. A democracia racial nada mais é que uma forma demagógica e sensacionalista de visualizar o ser do povo negro numa sociedade de “homens brancos”.

As lutas atuais do negro caracterizam-se assim:

- Luta pelos direitos étnicos e humanos;
- Luta pela igualdade de oportunidades e pela justiça social;
- Luta contra toda forma de racismo;
- Luta pela valorização da cultura negra;
- Luta pela terra, fonte vital;
- Luta pelo direito à vida;
- Luta por um processo educacional comprometido com a sua realidade;
- Luta por melhores salários;
- Luta por uma Teologia enegrecida;
- Luta contra a pena de morte;
- Luta contra o extermínio de crianças;
- Luta contra os cinturões de pobreza que a cada dia aumentam mais;
- Luta pela cidadania;
- Luta para que o negro seja religioso; não apenas religioso, mas religioso negro, respondendo a um carisma e a uma missão específica;
- Luta da mulher, que é também a luta da mulher negra, pelo resgate de sua subjetividade e dignidade.

— Lutas. E tantas outras lutas.

Nesse contexto, merece ser ressaltado o primeiro encontro de Entidades Negras realizado em São Paulo, em novembro de 1992, que representou grande avanço para a comunidade negra.

3. A COMUNIDADE NEGRA DE MILITÂNCIA

O texto que se segue, sobre a comunidade negra de militantes, foi retirado do relatório do 5º Encontro Nacional dos Padres e Bispos Negros, realizado em Senhor do Bonfim, na Bahia, e foi uma contribuição do nosso incansável companheiro-irmão, Padre Clóvis.

“A comunidade negra militante, isto é, o espaço dialético fundamental de formação de Identidade Negra, é o espaço dialético dos movimentos negros. Espaço Dialético porque a nossa história é história de negação, e é preciso compreender esse ser que se autocompreende em sua história de negação, para compreender o negro que se afirma Negro, aqui chegando, destituído da família, da tradição e dos valores seus, destituído mesmo de sua condição humana e de seu nome. É preciso compreender e sentir a profundidade disto. É preciso se curvar nesta história para sensibilizar-se com os gritos do povo negro de justiça que soam das favelas das ruas de marginalidade e da exclusão. Este negro destituído de sua história inicia uma outra história. Primeiramente como um ‘Zé Ninguém’, melhor dizendo, ‘um Pereira, um Silva Ninguém’, de heróis e heroínas anônimos. Muito depois, Quinhentos Anos depois, continua ninguém. Agora recebe um termo ‘menor, mendigos, papeleiro, favelado’. Mas Zumbi, o herói anônimo da história oficial dos Quilombos dos Palmares, ao ser assassinado (1695) pelo exército colonial com seus quilombolas guerreiros, atira na história sua lança, cer-

to de que a história fará jus ao seu sangue. Esta lança hoje está nas mãos de todos os negros e negras que, nas comunidades de militância, não somente têm a cor negra, mas que PENSAM (pensar), ACREDITAM (acreditar) e AGEM (agir) como negros. E assim pensam, acreditam e agem porque encarnam a história de seus antepassados. SER NEGRO, portanto, em nossa concepção, é muito mais que afirmar a cor da pele, que é uma evidência, é afirmar uma história que foi negada, é resgatar um sonho de quilombo que foi perdido. Implica um compromisso radical com a causa de um povo que é seu povo. Ser negro é uma conversão! De nada adianta afirmar-se negro e dizer solidário com a causa se isto não se traduz numa prática. Desse modo a negritude se constitui num desafio, não só para o negro mas para toda sociedade brasileira, já que a questão da negritude está no cerne de nossa posição social. Ser negro é uma postura histórica, uma atitude de reivindicação e resgate ante a história de negação do negro. Isso indica que ser negro implicará conflitos internos dentro do seu próprio ser que busca encarnar-se na história de seus antepassados, uma vez que a história deles não é mais a sua história por conta da negação secular que eles sofrem. Conflitos desse ‘preto’ que vai se insurgindo em meio a uma sociedade estruturalmente branca e que persiste em negar enquanto negro.”

Concluindo esta parte, reafirmo o que o Pe. Mauro Baptista nos disse ontem — data em que foi realizada o encontro: o negro sofre quatro tipos de pobreza. *POBREZA ECONÔMICA* (o negro não tem); *POBREZA POLÍTICA* (o negro não pode); *POBREZA CULTURAL* (o negro não sabe); *POBREZA HISTÓRICA* (o negro não é).

Esta última é a mais difícil de ser combatida, pois, para isso, seria necessário admitir que o negro é *parceiro de civilização*. Foi nessa esfera que a Igreja mais

contribuiu, negando ao negro uma corporeidade. A *guerra ideológica* (guerra filosófica e teológica) travada contra o negro é a mais cruel das guerras a serem vencidas e enfrentadas. É a luta pelo *ideal do ego* (formada a partir das imagens, palavras, afetos e representações, que circundam toda criança, todo adulto, o sujeito e a cultura) que tem como função favorecer uma *identidade do sujeito e do ego atual* que é o *eu ideal* com o *eu real*. Ora, o ideal do ego para o negro é o branco. Aqui é preciso afirmar que a história do negro não começa com a escravidão... mas isso é depois...

4. VIDA RELIGIOSA E NEGRITUDE

Relacionar Vida Religiosa e negritude é uma tarefa desafiadora, e supõe uma abertura e uma disposição profética e evangélica para compreender a dimensão e a profundidade da temática.

A temática aqui proposta é polêmica, porque exige que nos coloquemos no lugar daquele que durante anos foi posto à margem da sociedade. O povo negro é tido como complexado, por falar da sua condição de negritude como algo inferior, intruso, num plano de sociedade idealizado e formulado pelo homem branco, para o homem branco e a partir do homem branco. Contudo, há que deixar o lado privilegiado do ser do homem branco e colocar-se ao lado do ser do povo negro, e formular um pensamento a partir de sua realidade, o que não é uma tarefa fácil.

Na dinâmica, na estrutura e na organicidade da Vida Religiosa, o termo negritude é apresentado como um adjetivo objetivado, que ao longo dos anos foi uma realidade não assimilada na sua subjetividade pela estrutura da Vida Religiosa. Daí a sua complexidade para relacioná-lo com a estrutura interna da Vida Religiosa, visto que as raízes da Vida Religiosa não pertencem a esta realidade pluriétnica e plu-

ricultural, que caracteriza a América Latina; é, sim, de uma outra realidade, caracterizada pela racionalidade do pensamento europeu — jeito de ser religioso na Europa.

O discurso aplicado à Vida Religiosa é o da racionalidade do pensamento europeu, tendo como pano de fundo a originalidade das congregações existentes no Brasil, que, quase todas elas, no seu carisma e missão, são caracterizadas por essa sutileza de pensamento. São poucas as congregações que têm a sua origem no Brasil; mesmo as que estão no Brasil têm sua estrutura fundamentada na racionalidade do pensamento europeu; com isso, não conseguem ser a expressão dos seus destinatários, principalmente da comunidade negra e indígena.

A racionalidade do pensamento europeu impregnou a Vida Religiosa, que se mostra tal e qual sua realidade de origem, fazendo surgir entre nós brasileiros um grande vácuo, em que a realidade brasileira pluriétnica e pluricultural é ignorada.

Tal como uma releitura dos 500 anos, vemos que o que ocorreu foi uma invasão e uma imposição de cultura que se julga superior, de um modo de produção e de uma religião específica. Assim também a Vida Religiosa não foge deste tipo de relação estrutural, cultural, política, econômica, social e religiosa, que se criou ao longo destes 500 anos de imposição e invasão.

Podemos dividir os 500 anos em três grandes momentos no que se refere à Vida Religiosa e à Negritude.

O primeiro momento vai da chegada dos invasores até o Vaticano I, um longo período. Durante esse período, percebeu-se que a Vida Religiosa estava distante de um relacionamento afetivo com a temática da negritude, e que ela não trouxe para o seu seio a realidade do negro, sendo os sinais de vida menores que os sinais de morte.

Na sua exterioridade, a Vida Religiosa consegue dar alguns passos, a ponto de surgirem vozes no meio religioso para defender a dignidade humana e evangélica do povo negro.

Na sua interioridade, a Vida Religiosa não acolhe o negro. O negro é visto como um ser indesejável, repugnante, uma vez que ele não se encaixa no modelo europeu.

Ainda neste período, vamos ver que alguns negros e negras são trazidos à Vida Religiosa para suprir a demanda por trabalhos tidos como humilhantes da época: lavar, passar, cozinhar, lavrar a terra e outros.

Nesta etapa vamos encontrar dois tipos de religiosos(as) bem diversificados formando duas classes sociais dentro da Vida Religiosa. De um lado estão os religiosos(as) inferiores, representados pelos negros(as) e mestiços(as). Do outro lado, os religiosos(as) tidos como superiores, os homens brancos. Neste momento, ter um negro na hierarquia de poder e valor é coisa de outro mundo.

O segundo momento vai do Vaticano II até o início da década de 80. Neste período a Vida Religiosa abriu as portas para que o negro pudesse ter lugar no Ser Religioso, com um porém: que o negro fosse modesto, isto é, que procurasse no máximo identificar-se com o modo de Ser Religioso do branco. Quanto mais o negro se identificasse ou se aproximasse do padrão branco de Ser Religioso, mais era considerado um negro bom, e até passava a ter "alma branca". Tratava-se, na verdade, de uma estratégia para fazer com que o negro perdesse a sua identidade e o seu jeito de ser. É mais um ataque da democracia racial.

No referido período também se percebe certa abertura de algumas congregações aos candidatos(as) negros(as) à Vida Religiosa. E isso resulta no aumento de voca-

ções. Mas foi pouca a contribuição da Vida Religiosa para que o negro viesse a assumir a sua negritude e trabalhá-la.

O terceiro momento vai do início da década de 80 até os nossos dias. Aqui há um despertar da Vida Religiosa para a realidade e a problemática da negritude.

A temática da negritude invade o plano teórico, o modo de pensar o *ser religioso*. Com a novidade da negritude emergente, o Ser Religioso passa a ser interpelado, incomodado e questionado pela temática da negritude.

Esse Período é marcado pela influência e contribuição em grande parte:

- Do Grupo de União e Consciência Negra — GRUCON — surgido no final da década de 70;
- Dos Agentes de Pastoral Negros, surgidos em 83, resultado de uma divisão no GRUCON;
- Da contribuição dos Franciscanos Negros, primeira congregação a se reunir para refletir a negritude especificamente;
- Da preparação à realização da Campanha da Fraternidade de 88, pela CNBB;
- Da reflexão dos 500 anos de invasão e dominação.

Essas contribuições mostram um lado que muitas vezes foi, e ainda é, ignorado pela estrutura eclesial, e também pela Vida Religiosa: refletir a negritude à luz da Fé.

A partir dessas contribuições, a negritude sai da sua objetividade e passa a ser vista na ótica da sua subjetividade. Cria-se em torno da negritude uma subjetividade que a visualiza de uma maneira concreta e objetiva. A negritude sai da clandestinidade e vai ocupar e incomodar todos os setores da sociedade.

No nível teórico são inúmeros os documentos, textos, boletins que focalizam a negritude. No campo prático, várias congregações realizam encontros, para que os negros que nelas se reúnem possam ter a oportunidade de se encontrar enquanto negros.

Esse período foi importante para a caminhada da Vida Religiosa no Brasil, visto que:

- Houve o despertar da Vida Religiosa para a problemática da negritude;
- Houve uma maior abertura para se relacionar com a temática da negritude;
- Houve uma tentativa de inculturar a Vida Religiosa à realidade da negritude;
- Houve mais sensibilidade, mais compreensão para se tratar a questão da negritude.

Portanto, esse período elenca pressupostos e cria condições férteis para que a Vida Religiosa seja urgentemente REINVENTADA, para que a Boa Nova possa encarnar-se nas feições de seus destinatários.

5. INTERPELAÇÕES DO BINÔMIO VIDA RELIGIOSA E NEGRITUDE

Quando a Vida Religiosa se aproxima dos desafios que constituem a realidade moderna, defronta-se com realidades emergentes e novas. Surgem daí os novos sujeitos históricos, a problemática da inculturação, a Vida Religiosa inserida — sinal de uma opção radical — e vários outros. Essas novidades levam a Vida Religiosa a lançar-se numa profunda reflexão, tentando responder aos desafios propostos por essa nova realidade.

Um dado específico são os novos sujeitos, e aqui, em particular, o povo negro, com seu modo próprio de ser, como imperativo de ajuda na opção preferencial pelos pobres.

Medellín, sem dúvida, representa um grande passo da Igreja Latino-Americana no que diz: “A Igreja da América Latina quer encarnar-se em nossas concretas realidades de hoje, exige uma revisão séria e metódica da Vida Religiosa e da estrutura da comunidade”. E, mais à frente, o mesmo documento recomenda aos religiosos “atender, educar e evangelizar as classes sociais marginalizadas”.

Diante da realidade da Vida Religiosa, podemos destacar várias interpelações que são frutos do binômio Vida Religiosa e Negritude.

5.1. OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

O termo *pobre* na linguagem fundamentalista do modo de ser do povo negro, foi adjetivado para justificar o seu lugar social. Visto que o povo negro é na realidade prática das relações sociais, aquele que não tem, não pode, não sabe, não é.

Como fazer opção preferencial pelos pobres no Brasil, que traz no seu jeito de ser uma grande massa populacional negra, que é a segunda população negra do mundo, e que tem, ele próprio, um número maior de negros em sua população? Fazer opção preferencial pelo pobre é também fazer uma opção pela negritude. Ignorar a negritude é negar a opção preferencial pelos pobres.

5.2. INCULTURAÇÃO

“Quero me batizar para participar da tradição do meu povo” — palavras de um jovem negro em um grupo de base.

Para que possa haver um diálogo intercultural verdadeiro é necessária a igualdade de posições, ou seja, é preciso que ambas as partes interessadas tenham iguais direitos e iguais possibilidades de autonomia e liberdade de decisão. Por isso a in-

culturação parte da procura e da descoberta dos sinais de Deus, da presença do "divino" já presente, de maneira mais ou menos clara, nas diferentes culturas.

No que se refere às religiões afro-brasileiras, porém, os preconceitos e a distância permanecem. Ainda hoje, as igrejas têm dificuldade, em aceitar as religiões afro-brasileiras como parceiras iguais no diálogo. Continuamos rebaixando estas religiões ao nível de seitas ou sincretismo resultante de catequese deficiente. Nenhuma cultura é normativa para outra. Todas são iguais em suas diferenças. Quando uma cultura se impõe a outra, ela a esgota ou a mata, prejudicando a sobrevivência do grupo atingido. Inculturar-se implica o reconhecimento da particularidade de cada cultura, exige a criação de novos ritos locais e regionais, mudanças na prática pastoral concreta.⁷

Sem um longo processo de inculturação na realidade concreta em que se encontra a Vida Religiosa, e principalmente no jeito de ser da comunidade negra, o anúncio da Boa Nova mais uma vez será esfacelado. Ou será que a Boa Nova não convém ser anunciada no meio do povo negro? Ou o anúncio da Boa Nova será sempre interpretado pela ótica racionalista européia?

Portanto, a Vida Religiosa deve estar a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, em especial na cultura negra.

Um grande sinal de reverter ao plano em que se encontra a realidade da negritude está no compromisso que os Bispos presentes em Santo Domingo assumiram.

"— Conscientes do problema de marginalização e racismo que pesa sobre a população negra, a Igreja, na sua missão evangelizadora, quer participar dos sofrimentos e acompanhá-los em suas legítimas aspirações em busca de uma vida mais justa e digna para todos;

— Da mesma forma, a Igreja na América Latina e no Caribe deseja apoiar os povos afro-americanos na defesa de sua identidade e no reconhecimento de seus próprios valores, como também ajudá-los a manter vivos os usos e costumes compatíveis com a doutrina cristã;

— E ainda assumem os Bispos em Santo Domingo o compromisso de dedicar atenção especial à causa das comunidades afro-americanas no campo pastoral, favorecendo a manifestação das expressões religiosas próprias de suas culturas".⁸

5.3.SER RELIGIOSO(A) NEGRO(A)

É um grande desafio. Ser religioso negro implica criar um novo jeito de ser religioso(a), e, sobretudo, criar novos laços evangélicos na relação com o jeito próprio de ser religioso(a) já predeterminado. Portanto, o religioso(a) negro(a) deve assumir sua negritude de fato, não apenas exteriormente; implica ir de encontro à concretude da realidade do negro. Com isso, a Vida Religiosa deveria ser um canal que levasse o(a) negro(a) de fato a viver com afinco a sua negritude.

5.4.FORMAÇÃO

A negação dos valores do negro na prática diária, nas casas de formação, induz o negro à sua despersonalização, à perda de sua identidade. Ao tomar consciência dessa situação, o formando(a), negro(a) começa a reagir. Os formadores(as) encaram esta reação como rebeldia e insubordinação, motivo suficiente para dispensá-lo, alegando falta de virtudes necessárias à vida consagrada.

A formação e todo modo de viver e de relacionar-se da comunidade estão baseados numa estrutura cultural religiosa transplantada, que desconhece a cultura, a psicologia e o modo de ser negro. Há um desconhecimento generalizado dos valores,

da cultura, da religião, da historicidade e da cosmovisão do povo negro. Isso faz com que se tenha uma visão errônea dos(as) negros(as), que com frequência são apontados como pessoas que têm desajustes psicológicos, desequilíbrio, complexo, rebeldia, falta de espiritualidade.”

5.5. REALIDADE DO NEGRO

O que se constata é que a Vida Religiosa precisa aprofundar sistematicamente a realidade do negro. E para isso é importante que a CRB continue incentivando os Religiosos a encontrar novas mediações de compromisso libertador com os marginalizados e oprimidos, e continue promovendo a explicitação sólida da fundamentação de uma espiritualidade encarnada na realidade dos que estão à margem; e continue ajudando na busca de uma Vida Religiosa mais profética, a partir da experiência de Deus na vida do povo marginalizado e excluído.

5.6. RACISMO

O racismo é uma ferida, e as suas marcas impregnaram a Vida Religiosa. Ela está até hoje aberta, sem se cicatrizar. Os ferimentos foram profundos e são compreendidos à luz da história do povo negro.

A relação racista é uma afronta ao Anúncio da Boa Nova e ao ato de celebrar a Eucaristia. Pois como explicar que o povo negro, cuja maioria é católica e fiel à Igreja, tenha recebido e às vezes ainda receba um tratamento tão discriminador e hostil?

5.7. MOVIMENTOS NEGROS E VIDA RELIGIOSA

A participação dos(as) religiosos(as) no movimento negro é um outro fator polêmico na Vida Religiosa. É polêmico porque ainda não se concebe que entre movimento negro e Vida Religiosa possa haver uma relação evangélica de promoção da

vida. Na maioria das vezes, ser religioso e participar da organização do povo negro é motivo de vários desentendimentos dentro da estrutura da Vida Religiosa.

Nos últimos cinco anos vem crescendo o número de grupos que refletem a questão da negritude, e principalmente a relação entre Fé e negritude. Este dado vai de encontro àquela idéia de que o povo negro é desorganizado. Se percorrermos a história do negro no Brasil, vamos ver que o povo negro nunca foi desorganizado. Ele se organizou sempre para fazer valer sua dignidade. Organizou-se nas senzalas, em quilombos, em confrarias religiosas, irmandades, cantos da Bahia, grupos religiosos como candomblé, terreiros de Xangô, umbanda e outros.

O fato é que, na verdade, todos estes movimentos, embora com métodos diversos, têm algo fundamental em comum: a conscientização do povo negro e da sociedade brasileira como um todo, visando uma igual participação do negro nos vários setores da vida secular e eclesial.

Essa relação do religioso(a) negro(a) com o movimento negro traz receio a alguns superiores; estes chegam a proibir o religioso de participar dos grupos que refletem à luz da fé a negritude. Alegam, entre outras coisas, que trará problemas à comunidade. Sem dúvida, é provável que levem alguns questionamentos à comunidade. Porém, havendo espaço na comunidade religiosa para discutir e aprofundar tais questionamentos, o resultado é altamente positivo, pois é dessa maneira que a comunidade vai se abrindo, de modo adulto, às necessidades e anseios do negro que está na Vida Religiosa.

5.8. PASTORAL VOCACIONAL

O grande pressuposto para se pensar uma pastoral vocacional fértil é abstrair-se da realidade e da praticidade que lhe é pró-

pria, na qual tudo é pensado a partir da realidade do branco, e colocar-se do lado do negro, com o seu jeito de ser e estar num mundo que faz dele um ser indesejado, que está numa festa a que não foi convidado. Faz-se urgente buscar uma pastoral vocacional que atinja de cheio a realidade do negro. Uma vez que a pastoral vocacional, tal como é concebida e pastoralmente aplicada, não corresponde à realidade concreta do Ser Negro(a), a pastoral torna-se excludente.

Para que a Pastoral Vocacional não seja excludente, ela deve levar em conta a realidade cultural e o jeito de ser de seus destinatários. Cada cultura tem seu modo de ser, que deve ser levado em conta.

Contudo, faz-se necessário, para que a pastoral vocacional seja eficaz, uma inculturação de seus métodos de ação. Pois o negro não pode ser generalizado como sendo parte de um todo; ele tem suas particularidades: sua formação intelectual, sexualidade, afetividade, espiritualidade, e até a relação com o outro.

5.9. ESPIRITUALIDADE

“Muitos formandos(as) negros(as) deparam com a acusação da falta de espiritualidade. Mas a espiritualidade oferecida pelos formadores é de origem européia e não condiz com a realidade cultural e com a vida do formando(a) latino-americano. Nós, negros(as), temos uma experiência espiritual trazida da Mãe-África, que passou pelos quilombos e demais formas de resistências e que hoje se manifesta nos terreiros, nos congados e na religião do povo de Deus. Esta espiritualidade resgata a Aliança de Deus com o povo oprimido, a resistência, a luta pela liberdade, a festa, a alegria, e nos leva a uma maior comunhão com a natureza e um maior respeito à vida. Resgatar essa experiência espiritual não é só uma prioridade, mas um ponto principal, nosso projeto de construção de

uma vida religiosa e diocesana que também contempla a cultura negra.¹⁰

A comunidade negra, ao longo dos anos, tem demonstrado que possui uma experiência de Deus, fortemente engajada na realidade de sofrimento, de racismo, de discriminação. Contudo, esta realidade não faz do negro um ser fraco na sua experiência de fé; pelo contrário, faz do seu sofrimento uma festa, um canto, uma celebração da vida. Pois no seu jeito de ser está uma esperança, um sentimento e um grito de libertação, a fé em que o QUILOMBO-PÁSCOA COMEÇA A SER REALIZADO AINDA AQUI EM NOSSO MEIO. Constantemente se ouve de pessoas que não pertencem à comunidade negra esta afirmação: “onde é que este povo arranja tanta força para fazer da vida que eles levam, de pobreza, miséria, discriminação, desemprego e outros, uma celebração festiva da vida?” A vida religiosa que não compreende esta dimensão da comunidade negra julga que o negro é alguém que é desajustado e inadaptável à Vida Religiosa.

Da relação da Vida Religiosa com a negritude, espera-se uma nova espiritualidade, que acolha a realidade e os elementos que compõem o seu jeito de relacionar a sua experiência de Deus.

5.10. AFETIVIDADE

A relação do binômio Vida Religiosa e Negritude é um dos elementos mais polêmicos. Em torno da afetividade, criou-se um modo de pensar o(a) negro(a) como alguém incapaz de viver a castidade. Tem-se a impressão de que a Vida Religiosa se fundamenta apenas no voto de castidade, ou que a Vida Religiosa é somente castidade. Este tem sido um dos grandes empecilhos para a admissão de candidatos negros.

A afetividade tem de ser trabalhada e compreendida dentro de todo um processo cultural em que se encontra o(a) negro(a).

Pensar o negro(a) tal como é pensado, e julgá-lo, não é mais uma maneira de ver o negro como ser inferior, e conseqüentemente uma maneira sutil de racismo? Ou será que a problemática da afetividade é só do negro(a)? Ou é para os outros um problema já resolvido?

5.11. CARISMA E MISSÃO

Qualquer que seja o carisma e a missão de tal congregação, existe lugar para o ser religioso(a) negro(a). Seja qual for o carisma e a missão de trabalhar com crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, o negro sempre vai ser um destinatário em evidência. Ele vai estar em todas as dimensões de quaisquer carisma. Daí, cai por terra a expressão que se ouve com frequência de superiores(as) e formadores(as): que o nosso carisma não é o carisma da negritude e a nossa missão não é a missão da negritude.

5.12. LITURGIA

A liturgia por natureza seria a celebração da vida. Como toda estrutura da vida eclesial, a liturgia também é manipulada. Ora ela está denunciando uma estrutura de morte, ora está reafirmando a mesma estrutura. Na sua relação com a negritude, as interpelações assumem todo um modo de celebrar e de expressar a vida através do corpo, da percussão, do ritmo, da dança, da festa, e a coloca distante de ser uma realidade aceita e acolhida pela estrutura interna da vida religiosa.

Portanto, a liturgia tem dado passos importantes, mas ainda está longe de ser a expressão da realidade dos oprimidos, e principalmente do povo negro. Fica o desafio: como fazer com que a liturgia seja expressão da realidade concreta do negro?

A compreensão do ato litúrgico do candomblé poderá lançar-nos numa verdadeira inculturação do Evangelho, visto que

o candomblé possui uma imensa riqueza litúrgica nos seus ritos. Será demais sonhar com uma Igreja, uma vida religiosa, onde todos possam celebrar sua fé conforme sua cultura?¹¹

5.13. ECUMENISMO

A realidade é uma pedra no sapato do magistério da Igreja. Entrar na essência do ecumenismo implica ir ao encontro do outro e visualizá-lo como sujeito construtor de uma história. É justamente nessa dimensão da subjetividade que se encontra o maior desafio. A grande experiência ecumênica tem sido feita, na maioria das vezes, a partir de uma relação sujeito-objeto, na qual eu tenho a fórmula e a religião verdadeira. O outro que se contente com celebrar do meu jeito. Assim têm sido as experiências com as religiões afro, que muitas vezes não são consideradas religiões, mas seitas. As religiões Afro-brasileiras são religiões de fato e merecem ser tratadas com carinho e afeto. Elas não são de ontem. Elas têm uma história, um fundamento e uma estrutura concreta.

Para haver um verdadeiro ecumenismo é necessário abandonar todo proselitismo; despojar-se de toda atitude de ataque ou defesa; abolir o estudo do outro como objeto; saber aceitar as diferenças; reconhecer que não somos os donos da verdade; reconhecer e abandonar as práticas estruturais de dominação.¹²

5.14. RELIGIOSOS CONSAGRADOS E PRESBÍTEROS

Um fenômeno interessante tem ocorrido entre os jovens negros que recebem a consagração solene ou perpétua e o ministério presbiteral. Acabam se afastando da ação pastoral comprometida com a causa da negritude de maneira radical, mesmo que tenham tido no passado uma vivência fervorosa na militância em favor do povo negro.

Esse fenômeno revela os dois lados da moeda: o primeiro é que a ação pastoral na comunidade negra é apenas um paliativo, tanto no nível individual como no congregacional. Responde a uma emergência factual, mas não chega ao cerne da questão em evidência. Sendo esta verdadeira, fica a impressão de que ser negro(a) é alguma coisa de momento. Eu sou negro(a) aqui e acolá. Lá, em tal lugar, eu não sou negro. O segundo lado da moeda revela falta de comprometimento com a realidade do povo negro, tanto no nível individual como no nível congregacional.

Diante dessa realidade, de uma coisa estou certo: temos de rever a nossa opção pela negritude, nos dois níveis já citados. Quanto ao nível individual, vamos sempre ter membros do povo negro que encontram tempo pra tudo: para o lazer com os amigos, para a catequese, para o grupo de jovens, para as questões de negritude. Pior ainda, nestes tempos que encontram para as diversas realidades, nada de negritude levam.

5.15. CASA DE FORMAÇÃO E FORMANDO(A) NEGRO(A)

Atualmente, percebe-se nas casas de formação certa abertura quando um religioso participa de grupos que refletem a negritude fora de casa; mas, quando o formando quer trazer a negritude para dentro da comunidade, surgem problemas sérios. É muito importante que o formando(a) negro(a) milite nos grupos que refletem a negritude, e que esta seja reconhecida como parte de seu processo de formação.

A nossa realidade enquanto negros(as) se explica na medida em que estivermos inseridos no meio do nosso povo, que são os mais pobres entre os pobres. Estaremos fazendo uma releitura das nossas origens, e isto exige mudança de lugar social, geográfico e mesmo espiritual.¹³

Sem buscar uma solução e uma aproximação para estes desafios, dificilmente a Vida Religiosa, na sua relação com a Negritude, encontrará uma resposta concreta *para a realização de sua missão, para o anúncio da boa nova*, nesta terra que tinha palmeiras, onde já cantou o sabiá, terra de gente estranha, gente de outro mundo, gente da própria terra... nesta terra de homens e mulheres negras, de indígenas, de mulheres e leigos que sonham com uma nova sociedade, onde todos gozam do mesmo direito de ter liberdade, cidadania, valor, moradia, o pão de cada dia, e sobretudo de viverem em comunhão evangélica.

II. VOCACIONADOS(AS) NEGROS(AS)

1. O FENÔMENO DO VOCACIONADO(A) E RELIGIOSO(A) NEGRO(A) NO CONTEXTO ECLESIAL

Tem aumentado de uma maneira gradativa a presença do vocacionado(a) negro(a) no clero e na Vida Religiosa. É um dado natural importante para o povo negro, visto que estamos num país onde a maioria da população é negra.

Em consequência desse aumento de vocações, tivemos nos últimos anos um número significativo de ordenações presbiterais e celebrações de candidatos(as) negros(as) a Vida Religiosa.

Temos sinais concretos de esperança encarnados em algumas congregações e institutos religiosos, que promovem encontros entre os seus membros negros(as). Como também em algumas Regionais da CRB, caminham ao encontro do povo negro, abrindo espaços nas assembleias regionais.

Pela tangente, de um lado vamos encontrar formadores e formadoras não prepa-

rados para o acompanhamento de formandos e formandas que estão na busca do *ser negro(a) religioso(a)*. E, no fim das contas, somos obrigados a nos orientar com estas pessoas cujos anseios, buscas e questionamentos não correspondem aos nossos, e sobretudo não conhecem a nossa história. Por outro lado, vamos encontrar Bispos, Padres, Superiores(as) e Religiosos(as) que condenam a organização dos negros que começam a se encontrar, acusando-os de racismo ao inverso. Será que é de fato racismo inverso, para quem passou este tempo todo subjugado como inferior? Não estaria, nesta formulação, mais uma maneira sutil do racismo se manifestar? O que se constata é que algumas congregações ainda têm uma certa reserva em aceitar candidatos(as) negros(as).

O religioso(a) negro(a) bom ainda é aquele que nega sua identidade de negritude para se aproximar ao máximo do modelo importado dos brancos. Será que o melhor modelo de Ser Religioso(a) ainda é o modelo de Ser Religioso Branco?

Para ilustrar esta realidade acima apontada, basta olhar para dentro das casas de formação: na maioria das vezes um apóstolo junto ao povo negro, na sua organização, na sua estruturação, não é considerado pelos superiores(as) trabalho pastoral. Trabalhar ajudando os Irmãos(ãs) negros(as) a se encontrarem como sendo negros, a se conscientizarem de sua dura realidade, não é pastoral? O que seria então pastoral? "Dar aulas de catequese"?

Há um clamor que sai do peito do negro, do indígena, do leigo e da mulher, que ecoa nos horizontes, tornando-se uma canção bonita, de esperança e carregada de AXÉ, anunciando um sonho novo, que vale a pena ser sonhado junto com outros é um *sonho de uma vida religiosa nova, libertadora, na qual poderemos celebrar a páscoa de todas as raças e culturas.*

2. VOCACIONADOS(AS), RELIGIOSOS(AS) NEGROS(AS) E OS 500 ANOS

Passaram-se 500 anos, e a história não pode ser mais uma vez repetida. Todo vocacionado(a) negro(a) deve ser um profundo conhecedor do que foram e representaram estes 500 anos de Paixão e Morte.

Hoje, nós, negros, somos chamados:

- A anunciar o reconhecimento de nossa dura realidade;
- A questionar o projeto da modernidade européia, hoje mundializada, e do tipo de missão que "as igrejas" praticaram e ainda praticam;
- A dar uma contribuição original para toda a humanidade e para a igreja de Cristo, principalmente no meio em que estamos inseridos, através de uma dosagem de negritude coerente e participativa;

Sem uma reflexão profunda, jamais iremos compreender que evangelizar, para nós, negros(as), representa ter em mente a problemática da negritude, *com um renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança, nas diferentes culturas, a caminho do Quilombo-Páscoa.*¹⁴

Toda nossa ação deve se dar em primeiro lugar pela experiência de Deus, seguimento de Jesus Cristo, e pela missão, para podermos compreender as dimensões permeadoras de nossa realidade. Dimensão comunitária e participativa, missionária, bíblico-catequética, dimensão litúrgica e dimensão ecumênica do diálogo religioso.

A nossa evangelização hoje e amanhã deve partir:

- Da periferia da sociedade, onde nós negros somos a maioria, vivendo em condições desumanas.

- Da ação libertadora, uma vez que no ideal libertário desta evangelização encontra-se toda força de luta e organização da comunidade negra.
- Da ação conscientizadora: cabe a nós, negros, levar todo o povo negro a perceber o valor de suas raízes, da sua cultura, da sua beleza, do seu corpo; enfim, de tudo aquilo que nos ajuda a nos afirmar como negros(as) numa sociedade que nega os valores do povo negro.
- Da encarnação cultural de nossa fé, a fé de nossos antepassados, que tiveram seu sangue derramado e vidas tombadas em nome da luta pelo nosso jeito e ser e por todos aqueles que esperam de nossa ação uma contribuição para a sua e a nossa libertação.

3. DESAFIOS PARA OS VOCACIONADOS(AS) E RELIGIOSOS(AS) NEGROS(AS) NO PÓS-500 ANOS

Existem muitos desafios para nós negros(as), vocacionados(as) e religiosos(as), neste período pós-500 anos. Desafios que mexem com a nossa estrutura de SER RELIGIOSO(A) NEGRO(A):

- Buscar uma vida religiosa situada e inserida na dura realidade do povo negro.
- Buscar um processo formativo integrado na realidade do povo negro.
- Buscar uma formação que leve à conversão, tanto em nível individual como em nível comunitário, de modo que o outro também assuma a sua negritude.
- Buscar um processo participativo na formação, de modo a fazer acontecer a reflexão FÉ E NEGRITUDE.
- Buscar na comunidade formadora a sustentação de nossa pastoral, a ponto

de favorecer a ação pastoral no meio da comunidade negra.

- Fazer com que haja em nosso seio de negritude, não uma formação autoritária, conservadora, transportadora, pessimista, mas uma formação democrática e participativa, que nos faça ser o primeiro sujeito a responder pela nossa vocação.
- Buscar conhecer de perto o lugar social em que estamos e aquele em que deveríamos estar, pois este é de fundamental importância para levar ao outro *a boa nova a partir da negritude*.
- Buscar, de maneira sensível, compreender todos os mecanismos que ajudam a fundamentar o racismo e combatê-lo de maneira radical.
- Buscar uma nova espiritualidade que seja voltada para a questão da negritude, na sua fundamentação de fé e experiência de Deus.
- Buscar combater impiedosamente os contravalores que fundamentam a nossa negação de ser negros(as), tais como: a desestruturação da cultura, a alienação e o anti-humanismo.
- Buscar trabalhar a negritude a ponto de despertar e promover a auto-estima do povo negro.

4. VOCACIONADO(A), RELIGIOSO(A) NEGRO(A) E POBRE-MISERÁVEL

Trabalhar vocacionalmente, como vocacionado(a) negro-pobre-miserável, é um grande desafio, pois, quanto mais a massa do povo empobrece, mais o(a) jovem vocacionado(a) negro-pobre-miserável fica longe do ideal de ser um membro de uma comunidade religiosa e de fazer parte da família eclesial.

Dizer que alguém é negro-pobre-miserável é uma forma de dizer que não está

apto para o serviço e magistério da Igreja, trata-se, pois, de uma forma sutil de praticar o racismo institucionalizado. Esta tem toda uma infra-estrutura para fazer com que pessoas deste porte não sirvam para fazer parte de seu colegiado. A mesma tem em seu seio uma seleção sutil para os seus candidatos(as), como, por exemplo, o dado financeiro. Para entrar numa ordem religiosa ou seminário, o vocacionado(a) tem de ter certo lastro financeiro, uma vez que sem estes lastros ele não pode participar das atividades que o preparam para levar em frente o seu desejo de ser presbítero ou religioso(a), visto que a condição do negro é a condição de pobreza.

É papel fundamental para o nosso progresso de luta, fé-negritude, buscar refletir profundamente as causas que impedem que nós, negros, sejamos sujeitos históricos, apesar de sermos a maioria, de estarmos como minoria no magistério da Igreja. Sem essa tomada de consciência continuaremos a repetir a história. É o modelo de formação continuará a negar a nossa negritude e a nossa cultura.

Ao religioso(a) e vocacionado(a) negro(a), que ainda não assumiu a sua negritude, temos como tarefa despertá-lo para o reconhecimento do ser negro(a) que está impregnado em seu ser; mostrar que, mesmo que ele não o admita, jamais poderá ser um religioso(a) ou vocacionado(a) de cor "clara".

Como isto vai se dar? Vai depender das relações que buscamos entre nós, negros. Certamente será um trabalho árduo.

III. AVANÇOS DO SER RELIGIOSO(A) NEGRO(A)

1. CONQUISTAS

A utopia de se chegar ao reino definitivo e do Quilombo-Páscoa já começa a

acontecer na dura realidade da comunidade negra.

Estamos apenas iniciando a entrada no *Quilombo-Páscoa*. Ainda falta muito caminho a ser percorrido, muitos obstáculos terão de ser vencidos. Mas de uma coisa estamos certos: de que o caminho é esse mesmo.

Vamos precisar de muita força, alimento, fé, resistência, solidariedade, para chegarmos lá.

O que motiva esta caminhada são as luzes que a cada dia brilham no horizonte de nossa terra e de nossa história. Em cada novo grupo que surge, em cada encontro que se realiza, em cada negro(a) que descobre a sua negritude, em cada negro(a) que nasce, em cada negro(a) que aceita o desafio de levar a negritude avante, pois é por meio dessa realidade de redescoberta de nossa liberdade, de nosso jeito de ser e a nossa cidadania, que a *força do axé se multiplica*. Para cada negro(a) que tomba lutando pela causa da negritude, outros cinco virão, para levar à frente a nossa história, nossa cultura, nossa religião e o nosso axé.

Para fundamentar este acontecer do *Quilombo-Páscoa* basta olhar:

- Para os Agentes de Pastoral Negros, que a cada ano se multiplicam mais em todo território nacional, que a cada ano realiza um encontro estadual em cada estado brasileiro, que a cada ano se realiza uma assembléia e um encontro nacional.
- Para as mulheres negras que a cada ano se encontram em nível estadual e nacional, fazendo brilhar o estandarte da bandeira da negritude, da coragem, da dignidade, da resistência e da ternura de uma mulher pobre materialmente, mas forte em resistência, que a cada dia somam força e ganham espaço para

que seja de fato reconhecida a sua condição humana e evangélica de ser mulher, numa sociedade machista.

- Para os religiosos e religiosas negras que a cada ano marcam uma nova trajetória na historicidade da Vida Religiosa, com um encontro, tanto em nível estadual, como em nível nacional.
- Para as congregações, que despertam para essa realidade específica do negro, e promovem encontros dos seus membros negros, para refletiram a negritude e fundamentam um novo jeito de ser religioso num mundo pluriétnico e pluricultural.
- Para a CNBB e para CRB, que promovem grupos e encontros com a temática da negritude.
- Para o surgimento do GRENI — Grupo de Reflexão Negros(as) e Indígenas — que passou a ser um ponto de referência ao enegrecimento da Vida Religiosa.
- Para os Padres e Bispos negros, que se encontram a cada ano para refletir a sua atuação no meio da comunidade negra.
- Para toda a realidade do movimento negro, que consegue dar passos importantes na conquista de espaços também importantes, tais como: influenciar um partido político, levar adiante a reflexão da negritude no interior de sua estrutura, lutar para que em determinado estado ou prefeitura se crie uma secretaria para responder às necessidades da comunidade negra, a perceber a realização dos fóruns estaduais, que conseguem reunir várias entidades negras.

**DE FATO ESTAMOS
FAZENDO ACONTECER O NOSSO
QUILOMBO-PÁSCOA**

2. NOVOS ELEMENTOS NA NOSSA CAMINHADA

À medida que vamos aprofundando a nossa condição de *ser religioso negro*, vamos percebendo que novos elementos fortalecem os horizontes de nossa caminhada. Percebemos:

- Que o cristianismo não é focalizado também a partir da ótica do negro.
- Que o conhecimento da nossa causa favorece a abertura para um diálogo com as outras culturas.
- Que a metodologia do racismo recebeu uma carga de modernização.
- Que afetividade e sexualidade são elementos fundamentais para a compreensão do nosso jeito de ser religioso, haja vista que somos seres afetivos. E esta afetividade se dá através da dança, do sorriso, do gingado, do toque, da espontaneidade, criatividade, que toda esta realidade é expressão do nosso AXÉ. Nas casas de formação e seminários vivenciamos o conflito entre o nosso jeito de ser e o modelo de afetividade e sexualidade que nos é imposto, baseado sempre em tabus, preconceitos...
- Que na vivência dos votos seja contemplada a cultura negra em suas diversas expressões. É possível professar os conselhos evangélicos a partir de uma cultura específica?
- Que sejamos sujeitos de nossa formação.
- Que haja uma ligação entre o estudo acadêmico e a vida do povo negro.
- Que a definição do processo de formação tenha presente a vida comunitária, espiritualidade, missão e o estudo da realidade concreta do negro.
- Que é urgente a releitura da história da Congregação, do carisma e da identidade.

— Que a nossa história seja também contemplada nos currículos dos cursos filosóficos e teológicos.

CONCLUSÃO

A nossa experiência de Deus, a nossa experiência de Negritude, a nossa experiência comunitária, a nossa experiência de espiritualidade, lança-nos numa dimensão histórico-escatológica em que poder ver acontecer em nosso meio um *novo jeito de ser religioso, que nos possibilita reinventar a vida religiosa*.

Diante de tantos desafios, vamos descobrindo, a cada novo dia, que é possível pensar e sonhar, sonhar com uma Vida Religiosa inculturada na nossa dura realidade de *ser negro(a)*.

Temos os nossos avanços, nossas conquistas, mas não é tudo. Precisamos caminhar mais, ainda temos um longo caminho pela frente. O nosso AXÉ não pode parar.

Vamos, vamos juntos, com a nossa caminhada, reinventar a Vida Religiosa, que se torna um imperativo de grande urgência e de grande emergência, para que a grande massa de oprimidos e marginalizados encontre de fato a sua libertação.

Avante! O QUILOMBO-PÁSCOA já é uma realidade viva no meio de nós!

Ainda falta você! O seu trabalho está reservado. Até quando temos de esperar por você? Se você demorar, a nossa opressão e a nossa exclusão vai aumentar!

**VIVA ZUMBI DOS PALMARES
TREZENTOS ANOS DE RESISTÊNCIA**

NOTAS

1. Cf. Texto base do COMLA 5. *O Evangelho nas Culturas*.
2. Cf. BUARQUE, Cristovam. *Da modernidade técnica à modernidade étnica*. Ed. INESC. 1993, p.4.
3. Cf. VVAA — *Identidade negra e religião* — E. CED/LIBERDADE.
4. Cf. King, Dennis A. Pastoral Afro-Americana. In: *Vida, Clamor e Esperança*. Ed. Loyola, São Paulo, 1992, p. 372.
5. Cf. King, Dennis A. Pastoral Afro-Americana, In: *Vida, Clamor e Esperança*. Ed. Loyola, São Paulo, 1992, p. 373.
6. Cf. VVAA — *Identidade negra e religião* — E. CED/LIBERDADE. 1988, p. 18.
7. Cf. EHLE, Paulo. Inculturação: Um desafio Pastoral. In: *REB*. 209, 1993, pp. 169-171.
8. Cf. Nº 249 Documento de Santo Domingo — Compromisso que os Bispos firmaram em Santo Domingo, durante a conferência dos Bispos na América Latina.
9. Silva, Antonio Aparecido. *Comunidade negra — Interpelações à Vida Religiosa*. CRB, 1988, p. 16.
10. Texto extraído do documento: Memória Histórica da Caminhada das formandas e formandos negros, 1993.

11. Cf. EHLE, Paulo. Inculturação: Um desafio Pastoral. In: *REB*. 209, 1993, pp. 169-173.
12. Cf. Diálogo entre a Teologia Cristã e as Religiões Afro. Encontro realizado em Salvador Bahia, de 28 a 30 de setembro de 1988.
13. Cf. Documento dos religiosos negros — Memória histórica da caminhada dos formandos e formandas negras — 1993.
14. Cf. Objetivo Geral da CNBB.

BIBLIOGRAFIA

1. BUARQUE, Cristovam. *Da modernidade técnica à modernidade étnica*. Ed. INESC. 1993.
2. VVAA — *Identidade negra e religião* — E. CED/LIBERDADE 1986.
3. VVAA — *Vida, Clamor e Esperança* — Ed. Loyola, São Paulo, 1992.
4. EHLE, Paulo. Inculturação: Um desafio Pastoral. In: *REB*. 209, 1993.
5. SILVA, Antonio Aparecido. *Comunidade negra - Interpelações à Vida Religiosa* — CRB, 1988.
6. SOUZA, Marcelo de Barros. *Celebrar o Deus da Vida* — Ed. Loyola, 1992.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor destaca um jeito de ser e de estar no mundo enquanto negro que seria marcado por um profundo sentido da presença de Deus, que está em tudo e em todos e que toma partido pelos mais necessitados; um profundo sentido de família, que vai além das relações primárias, para incluir avós, tio, primos, sobrinhos, etc; um profundo sentido de liberdade e de dignidade, que leva à luta e à resistência à opressão; um sentido de solidariedade que leva a partilhar a vida com todos os que sofrem; um sentido de reconciliação que leva a perdoar e aceitar como pessoas inclusive o opressor. Considere a sua raça, qualquer que ela seja, e procure sentir como esses sinais são valorizados e vividos nela. Em que há proximidade, em distanciamento?
2. O termo negritude foi, ao longo dos anos, uma realidade não assimilada pela

estrutura da Vida Religiosa, visto que as raízes da VR não pertencem à realidade pluriétnica e pluricultural que caracteriza a América Latina. O discurso aplicado à Vida Religiosa é o da racionalidade do pensamento europeu, não expressando seus destinatários, principalmente negros e indígenas. Como esta visão marcou sua comunidade, província, congregação? Que sinais são observáveis da maior ou menor receptividade a estas outras raças?

3. A relação racista é uma afronta ao Anúncio da Boa Nova e ao ato de celebrar a Eucaristia. Observe as seguintes áreas de Vida Religiosa, procurando perceber se nelas existem sinais de relação racista que sejam uma afronta a ser denunciada e vencida: formação, pastoral vocacional, carisma e missão, afetividade, liturgia, ecumenismo etc.

ORAÇÃO DA RESISTÊNCIA

Bendito seja Deus pela resistência,
Pela vida de nossos povos negros e
indígenas.

Bendito seja Deus que nesta Afro-ameríndia
Nos amou por primeiro.

Bendito seja Deus em nossos pais
Que souberam resistir à escravidão,
Mesmo morrendo nos tumbeiros e
pelourinhos.

Bendito seja Olorum,
Bendito seja Tupã,
Deus que alimentou
A resistência de nossos antepassados.

Bendita seja a Natureza,
Que nos ensinou o relacionamento
com Deus,
Que nos alimenta, protege e nos dá vida.

Bendito seja Deus pela vida de nossos
Mártires:
Zumbi, Luísa Mahin, Manoel Congo,
João Cândido,
Anastácia e tantos e tantos,
Que com seu Sangue nos ensinaram a
resistir.

Bendito seja Deus, pela Fé e resistência,
De nossas mães, benzedeadas e nossos
pajés.

Bendito seja Deus,
Pela fé de nossos irmãos e irmãs negras
e indígenas,
Que guardaram as tradições, a ciência do
parto,
A importância das ervas medicinais.

Bendito seja Deus,
Pelo Reizado, congado, tambor de minas,
Capoeira, candomblé.

Benditas sejam todas as manifestações
Do nosso povo negro e indígena.

Bendito Seja Deus,
Por todos os negros(as) e índios(as)
Que hoje continuam lutando pela
construção
De novas malocas, de novos Quilombos-
páscoa.

Maldito seja todo chicote, todo salário
mínimo,
Todo envenenamento dos rios.
Maldita seja toda constituição,
Violadora de nossos direitos culturais e
humanos.
Maldita seja toda terra roubada e até
hoje negada

Bendito e louvado seja Deus pela vida
De nossos antepassados.
Benditas e louvadas sejam a fé
e a resistência
De nossos ancestrais.

Acreditamos que o nosso Deus:
É o Deus da vida;
É o Deus da dança;
É o Deus do canto;
É o Deus do atabaque;
É o Deus da pintura;
É o Deus do cocar;
É o Deus de todos os louvores;

Por isso dizemos:
Madjumbá Axé - Imaira.

É POSSÍVEL HAVER VERDADEIRA INSERÇÃO SEM INCULTURAÇÃO?

Pe. Rogério I. de Almeida Cunha, SDB*
Nova Iguaçu - RJ

Ninguém é sozinho.

Ser humano algum é uma ilha.

Quando muito, somos uma
porção humana cercada de seres
humanos por todos os lados, os
de fora e os de dentro.

1. Inculturação, ou melhor, “inculturar-se” supõe três realidades: uma pessoa que vive este processo, uma cultura a partir da qual a pessoa se incultura, uma cultura em direção à qual ela caminha. Mas aí já estão incluídos também vários outros aspectos, já esclarecidos na literatura que vem sendo produzida: trata-se de um processo. Não é portanto uma ação, nem mesmo uma série de atividades que alguém ou um grupo executa, mas um processo. Uma caminhada que avança, que dá passos, realiza tentativas. Trata-se de um processo vivido pela “pessoa”. Ninguém é sozinho, e ser humano nenhum é uma ilha. Quando muito somos uma porção humana cercada de seres humanos por todos os lados, os de fora e os de dentro.

Neste “cercar” por dentro e por fora é que consiste a cultura. Outro aspecto — também já estudado — da questão é que a

inculturação é vista como processo de uma pessoa que caminha, quase que “saindo” de uma cultura e “entrando” em outra, embora na realidade isto não seja possível. As culturas nunca são uma realidade tão definida e estabilizada assim, para que possamos simplesmente “sair” de alguma delas para entrar em outra. A gente sai de um ambiente onde uma determinada cultura é predominante — ou hegemônica — e pode passar para outro em que as características são outras. A questão é se, quando a gente sai de um ambiente cultural, a cultura também “sai” da gente.

FALAR DE “INCULTURAÇÃO” SUPÕE FALAR TAMBÉM DA “DES-INCULTURAÇÃO”

2. Quando os portugueses e espanhóis do século XVI se bandearam para os nossos lados, eles vieram e se inseriram; mas, à diferença dos peregrinos do “May Flower”, irlandeses que aportaram nos “Estados Unidos”, eles não tinham a disposição psicológica de se estabelecer na nova terra. Queriam carregar daqui o que pudessem, e voltar para a Europa ricos como a abelha que se carrega de pólen. E justificaram a conquista, como sabemos dos portugueses, proclamando a proeza de dilatar a Fé e o Império. Ou seja, estavam propa-

* O AUTOR: Pe. Rogério Inácio de Almeida Cunha, SDB, professor de Teologia Sistemática I - II, membro da Equipe do JUSSOL da CRB Nacional.

gando a cultura, dentro da qual se haviam formado e a partir da qual colonizavam a nova terra. Saíram de um ambiente cultural, aportaram em outro, mas nem saíram da própria cultura, nem permitiram que a própria cultura saísse deles. Formaram um quisto que se tornou hegemônico: tinham todo o poder e se arrogaram todos os poderes, embora não fossem a maioria. Na terra predominava a cultura dos locais, mas eles impuseram a deles com instrumentos inesquecíveis. A invasão pura e simples, a aniquilação, a catequese desenfreada, um verdadeiro rolo compressor sobre as pessoas e as culturas. E a cultura índia virou enfraquecida lembrança.

Diferente foi a vinda dos Africanos. Nem sequer tinham a intenção de vir. Foram arrastados por entre correntes e chibatadas. Vieram em número muito grande, mais de seis milhões, ao longo de séculos durante os quais os índios — que inicialmente eram bem mais —, foram sistematicamente dizimados, enquanto os Portugueses eram ainda centenas de milhares. Houve épocas em que o número de negros era maior que o de “reinóis” — portugueses — ou mestiços. Certamente não tinham a intenção de mudar sua cultura. Produziram um volume extraordinário, especialmente de literatura, que Ruy Barbosa mandou queimar, para que os fazendeiros não tivessem como pedir ressarcimento pelas perdas da abolição. Os negros reconstruíram aqui o seu ambiente cultural com tal fidelidade que, mesmo sob as cinzas da “cultura dominante”, é possível aos movimentos negros redescobrirem, vivas e palpitantes, as raízes do seu modo de ser. E se tornam parte preciosa do nosso modo de ser brasileiros.

Os navegadores vieram para conquistar. Trouxeram trabucos e picaretas. Trabucos para os índios, picaretas para as minas, mais os machados para arrasar as florestas. Para amansar os marujos que ainda tinham medo dos monstros que po-

voavam as bordas do mundo conhecido, embarcavam missionários. A pregação mansa dos franciscanos e jesuítas se revelou logo logo preciosa também na dilatação da fé. Tornando os índios cristãos, deixava de ser um escândalo que os colonizadores convivessem, com suas mulheres. Eram uma mistura de justificação cultural para os conquistadores, do zelo ardentemente cristão dos religiosos, do entusiasmo civilizatório de uma cultura em expansão. Pregavam a Fé no Deus de Jesus Cristo identificando-a pacificamente com a Igreja, a religião, a cultura dos Portugueses.

A inculturação hoje mistura, ao que me parece, estes três ingredientes: a **fome de riquezas dos conquistadores**, a **sujeição dos escravizados**, a **atividade catequética dos missionários**. Quem é que está se inculturando, onde e com que ânimo — “animus”? Digo ânimo, porque é algo que vai além das intenções explícitas ou racionalizáveis. O ânimo é, aqui, o impulso que leva os sujeitos de uma cultura a tentarem expandir no espaço geográfico as características de seu modo de ser, e corresponde mais a um dado objetivo e estrutural que a uma motivação psicológica ou racional. É, também, o que se poderia chamar de “desejo” coletivo, ou “pathos”, a paixão entusiasmada. Qual o ânimo dos que, hoje, se inculturam?

3. O título deste trabalho se coloca como pergunta: é possível ...? Nas três grandes formas históricas que vimos, e nas quais se fundiu e caldeou nossa cultura, o que aconteceu foi uma plúrima inculturação. Inserção nunca é gratuita. Os portugueses que cá vieram para explorar, impuseram, mas saíram marcados, ou nem mesmo saíram, inaugurando uma nova maneira de ser. Os africanos adotaram a nova terra para sobreviver, e lhe impuseram seu jeito escravizado. Os missionários, participando do esforço de imposição cultural, pregaram o evangelho — que, hoje, grita ao mundo inteiro a libertação. Foi uma

inculturação que aconteceu para todos os lados, sem que ninguém tivesse intenção disso, a não ser os missionários, que pretendiam ser e eram usados como propagadores da fé — “anterior”, dos colonizadores — mas acabaram sendo os batizadores de novas formas religiosas — “posteriores”, dos colonizados.

Então, deve existir, por trás dessa pergunta, uma outra. A questão da inculturação pretende, hoje, justificar e animar um processo de entrega de pessoas que se lançam em contexto cultural diferente do próprio, para levar a fé. A inculturação tem uma intenção pelo menos curiosa, para não dizer contraditória: quem se insere num grupo humano de cultura diferente, com intenção missionária — libertadora — assume a cultura deste grupo, para realizar nela o que descobriu na sua cultura de origem, a libertação cristã. Assume a cultura alheia para transformá-la... Para quê, por que existe a intenção de “inculturar-se”, ou de se inserir, se o problema é “levar”, e transformar?

O desafio atual veio de Religiosos. Num primeiro momento o entusiasmo foi enorme e as dificuldades ainda não eram vistas como propriamente culturais. Era o entusiasmo da libertação, alimentado pela vontade de uma nova Vida Religiosa. A Vida Religiosa Inserida em Meios Populares começou a ser para muitos refúgio nos conflitos institucionais, e passou por uma crise interna. Hoje parece superada também esta fase. Religiosos e religiosas que se inserem no meio popular já contam com experiências respeitadas — que nem sempre diminuem o sofrimento imposto pelos padrões de vida já institucionalizados nas Congregações. Já existe um novo modo de ser Religioso ou Religiosa, cunhado, caldeado, elaborado, fundido e malhado ao calor das lutas populares em que os Inseridos realizam sua vocação.

A discussão sobre a inculturação, no que se refere a tais religiosos, traz à tona um aspecto incômodo. Mesmo sendo por vezes injustas no sofrimento que impõem as Congregações estão carregadas de motivos para exigir o que pedem. Elas são porta-vozes religiosos de uma cultura que se vê ameaçada pelo novo que surge dos pés caminantes que criam novas veredas no grande sertão. **Inculturar-se ameaça.** Quem se incultura relativiza a matriz cultural da qual se desveste ou se retira, mostra seus limites, seus erros, suas pretensões. E o faz em nome de uma nova cultura.

Que ameaças são essas, e de onde provêm? Falamos até agora em saída e entrada, em imposição e sujeição, em justificação e problematização. Os portugueses saíram, os africanos saíram, os missionários saíram. Todos eles vieram e entraram. Uns impuseram sua cultura impondo-se politicamente e explorando a força econômica. Outros se assujeitaram politicamente e impuseram sua cultura servindo como escravos. Os outros justificaram as pretensões de uns, amansando os outros, mas também ajudando-os a se descobrirem. Finalmente, ao buscar a libertação dos oprimidos, **os religiosos criam problemas**, destapam problemas ocultados, reativam forças abafadas.

4. Parece-me que as reflexões atuais sobre a inculturação ainda estão a caminho. O primeiro dinamismo a que se referem, reconhecido até nas mais altas instâncias da Igreja, é o desejo de levar o Evangelho a grupos humanos cujos valores não são explicitados pelo conhecimento. Nele se encaixou por muito tempo o entusiasmo cultural: para os portugueses, ser cristão era ser português, agir como um cristão súdito de sua Majestade o Rei de Portugal. Muitas congregações Religiosas ensinaram nossos índios da Amazônia a rezar, ora em Latim, ora na língua natal dos missionários: italiano, francês, espanhol... Ou sim-

plesmente impõem mais ou menos sutilmente a seus "vacionados" a cultura em que nasceu a congregação.

No esforço de hoje a motivação tem outros aspectos: os negros desejam se re-inculturar como negros, des-embranquecer a si e à cultura que ajudaram a vir à luz; os religiosos oriundos de tradições culturais européias desejam inculturar-se ao modo de ser "popular", ora para lutar com eles pela libertação em que acreditamos, ora para levar a eles a contribuição política de nossa maneira de crer em Deus pai e Mãe; filhos das classes médias latino-americanas brasileiras desejam inculturar-se no modo de ser povo, porque sem a libertação do povo não acontece a Vida Plena para ninguém. O mistério de povos que, assujeitados há quatro séculos, ainda são hoje um corpo estranho ao cristianismo que lhes foi pregado, intriga a Igreja. O que vivemos hoje, no Brasil, como em toda a América Latina, é o despedaçar-se das culturas trazidas da Europa, o gaguejar ainda oprimido dos negros, misturado a farrapos de lembranças índias, numa colcha informe de retalhos, que perfaz o "caldo cultural" em que se cozinham milhões de analfabetos, de famintos ocultados pela luz fascinante de informatização avassaladora. Esta a nossa "nova cultura".

Aí, mais uma pergunta martela em nossas cabeças: dá certo esta tal de inculturação? dá certo esta tal de "inserção"? Podemos até substituir o "é possível" do título, por esse "dá certo", e o sentido da pergunta aparece mais profundo.

Parece que damos, assim, um passo decisivo. A inserção é inculturação de portugueses, africanos e missionários "deu certo"? Os beneficiários da empreitada colonizadora acreditam, neste ano "real" de 1995, que deu certo, porque seu critério é a vitória da ordem estabelecida, e o avanço do projeto hegemônico. Os que não participam destes benefícios são a maio-

ria, mais de dois terços. Não têm uma cultura suficientemente forte para fazer valer seu parecer, mas, como não participam da festa, preferem mostrar os pés de barro, os furos da canoa. Entre uns e outros, alguns sobem de marginais a participantes, outros são derrubados pela lógica excludente do sistema vitorioso e caem da carruagem, outros ainda procuram descer com os próprios pés para construir um novo projeto, em que não haja beneficiários e excluídos, mas participantes responsáveis e solidários. Revestida dos paramentos culturais da Religião em que se manifesta, a Fé ora justifica uma, ora é grito de outros, ora é o próprio ânimo que sonha levantar a vista para ver reinar a liberdade.

O que se torna claro, desafiadoramente claro é o seguinte: dar certo depende do critério. **É possível... a quem? Dá certo, para quem?** A Modernidade não é uma cultura ao lado das outras, mas um vendaval que obriga todas as culturas a abrirem e escancararem janelas e portas, entrando com novos ventos, novos critérios e exigências. A Modernidade coloca em crise os próprios critérios de julgamento, os valores a partir dos quais dizemos se uma coisa é possível ou não, dá certo ou errado. E isto é muito bom. Já não podemos agir com a inocência histórica dos colonizadores portugueses, com a vontade succulenta e animista dos africanos, nem com a Fé despreendida dos Missionários. Hoje somos obrigados pela História a termos consciência de nossa motivação, e isto implica defendê-la diante de outras, justificá-la, quiçá radicando-a no Evangelho.

Graças a Deus o Evangelho não pode ser acorrentado. Nós é que nos radicamos nele, não ele que se acorrenta à nossa cultura. É o contrário do que pretendiam os portugueses, o contrário mesmo do que serviu de força de resistência dos negros africanos. Os Missionários não eram "portadores" do Evangelho, mas levados por ele. Mais do que o que disseram, valeu o

que fizeram, tanto no sentido de Evangelização quanto no sentido de colaboração com a obra colonizadora. A salvação não depende de nós, nem está nos nossos esforços, mas nós é que temos de descobrir a cada passo como é que ela se manifesta ou é impedida nos nossos esforços.

5. Vimos até agora diferentes aspectos da nossa questão, afunilando e aprofundando o sentido da pergunta. Mas ainda não chegamos ao fundo. Os portugueses vieram para cá, com os espanhóis, porque não cabiam mais em Portugal, e precisavam de mais espaço vital, fora da Europa, de maiores mercados para sobreviver como portugueses — e espanhóis, dominadores. Os negros africanos foram escravizados porque os colonizadores precisavam de mão de obra, nos albores mercantilistas do capitalismo antropofágico. Os portugueses se compreendiam como o novo povo escolhido por Deus para expandir a Cristandade, e por isso acreditavam sinceramente ser justa a escravidão de povos, porque essa era uma maneira de levá-los a participarem do privilégio de ser cristãos, um jeito de “inculturá-los”. Ao longo de séculos, grandes grupos de negros assimilaram essa maneira de pensar, e a coloriram de suas próprias concepções religiosas. A religião, sob a forma cristã ou sob a formas das outras religiões trazidas por uns e outros, sempre atuou como força auxiliar, ora como justificação do que se fazia, ora como forma de resistência, de sobrevivência, ou de auto-afirmação.

O que hoje, mais uma vez, corre o risco de ficar escondido atrás da motivação religiosa, é o mecanismo estrutural que está à raiz. Os portugueses e espanhóis não cabiam mais na Europa, e procuravam outros espaços geográficos. Sua imensa obra de descobrimento rasgou os limites do mundo cultural e político da época, e fez alastrar pelos continentes “descobertos” o comércio europeu que se impunha. Aí aconteciam duas coisas, uma lá em

cima, outra lá em baixo. Em cima a transformação mundial da maneira de produzir e intercambiar, o irromper de um novo modo histórico de realizar a empreitada humana. Em baixo, o fervilhar de novas experiências individuais e grupais, de novas maneiras de resistir, de sobreviver, de procurar a vida, de educar os filhos, habitar, alimentar-se e comportar-se. Em cima nasceu o capitalismo, como modo de produção, ainda vestindo as fraldas do mercantilismo. Em baixo nasceram as culturas misturadas do jeito ibérico português/espanhol de ser, imposto aos índios, sobreposto aos negros, recebendo deles o sangue e a seiva, misturando-se com a contribuição de milhares de migrantes, tudo impiedosamente fritado na emergência frenética da modernidade já em crise.

Vivendo aqui, os portugueses tinham de “se adaptar”, os negros tinham de “se arrumar” para sobreviver. Hoje não podemos mais falar de gente que “sai” de uma cultura e “entra” noutra. Como brasileiro nato percebi muitas vezes que estrangeiros maduros tinham mais possibilidade de acesso à cultura “popular” de gente da minha terra, do que eu — versado também em culturas européias. De um lado, as formas culturais indígenas não deixaram mais que leves lembranças. “De outro lado, os negros vêm crescendo fortemente na descoberta e revalorização de suas raízes culturais e antropológicas”. Além disso, as maneiras portuguesas chegaram ao esgotamento, ao lado das culturas importadas de outros países europeus, que sobrevivem em pequenas regiões de migração italiana, alemã ou polonesa, quiçá japonesa ou chinesa. “No Brasil vivemos um caldeirão de culturas em dissolução e fusão, misturadas a culturas em emergência e formação. Uma mega-sopa de resistência e imposição, de fusão, construção, arraso, nascimento, decadência e crescimento, transformação, recomposição, esperança, dependência e globalização”.

6. Inculturação é um instrumento de sobrevivência cultural. Não apenas das pessoas que se inculturam ou do grupo organizado que elas representam, mas da sociedade. Vivemos um momento extremamente agitado, de profundas transformações, em que a sociedade corre o risco de perder a própria identidade, porque tem de produzir a vida de maneira inédita, nova, desconhecida de todos. "O mundo acabou: não tem mais espaços para uma expansão geográfica. Ainda não dá pra emigrar em direção a outros mundo. Então o novo espaço, para além das nossas fronteiras, tem que ser cultural, antropológico. Inculturação, hoje, é o nascer de jeitos novos de ser homem, quiçá do "homem novo".

De um lado, quem "se insere" especialmente em meios populares, o faz porque deseja ser solidário. Tem o "animus", o *pathos* profundo e forte de assumir a causa dos excluídos e construir uma sociedade não excludente. Por outro lado, eles são um esforço muito maior que eles mesmos, que eles todos. São a expressão da humanidade que não se quer ver afogada na podridão a que chegou a "cultura" excludente hegemônica.

Não é possível inserir-se sem produzir vida de maneira diferente. Não dá certo inserir-se num ambiente cultural diverso do próprio, sem alguma modificação da maneira como a vida é produzida, transmitida, justificada, reproduzida. Não é possível, a partir do critério de que inserção em meios populares não é apenas benevolente ato solidário de pessoas ou grupos que têm vocação especial, mas um esforço empreendido pela própria sociedade que, nos excluídos, vê a própria negação. Não dá certo, no sentido de que não acontece inserção quando se continua um corpo estranho e desfuncional dentro do novo contexto. Desfuncional, aqui, não é apenas o sentido conservador, de que tudo tem de continuar como predeterminado, mas no sentido vivo de que só sobrevive o

que se transforma. E falo "produzir vida" num sentido bem determinado: produzir vida significa trabalhar. Significa fazer tudo o que fazemos para sobreviver, seja no sentido "macro"-estrutural, da maneira global como uma sociedade se esforça por sobreviver e caminhar, ou mesmo impor-se, seja no sentido "micro"-individual e grupal, do jeito como cada um se sai, formal ou informalmente, sendo reconhecido e respeitado ou de maneira marginal e condenada pelos outros.

No fundo do movimento de inserção está uma violenta transformação social, imposta inicialmente pela Modernidade, vivida hoje na crise pela qual ela passa. Na raiz do movimento de inserção está a mudança radical de maneira como nós seres humanos produzimos nossa vida, nossas condições e condicionamentos de vida, a maneira como racionalizamos, exprimimos e justificamos ou relativizamos nossa convivência, nossas motivações. "Os Religiosos Inseridos são uma expressão do que há de mais profundo na própria alma humana: produzir vida e sentido em abundância, para todos". A Modernidade agita demais as culturas, as destrói e mistura, passa sobre elas como um trator e lhes dá novos vigos. A crise da Modernidade parece ora morrer, ora ressurgir dentre cinzas, como chama repentina, fogo fátuo, combustão de ossos mortos, ora incêndio avassalador, ora calor consolidante de um verdadeiro forno antropológico. Num mundo que está todo em crise, em que estão em crise e mudança até mesmo os critérios de julgamento, a inserção é um esforço maravilhoso de sobrevivência.

Sem inserção as culturas não podem sobreviver. Sem sobrevivência das culturas, o Evangelho não tem como ser falado, nem ouvido. Parece que, melhor que de "inculturação", é falar em formação de novas culturas, porque a cultura hegemônica no Brasil está em dissolução. É a cultura europeizada dos brancos ricos e

intelectuais. Ela inventou a Televisão e os videogames, que a passam como um arado por sobre todo o resto. As culturas que caracterizam as maiorias marginalizadas e excluídas têm sempre mais vitalidade e menos meios para se impor. Têm mais vitalidade porque o mostram, desequilibram, intervêm na cultura dominadora, e têm de se enrijecer na resistência. Encontram menos meios porque tudo o que inventam ou é aniquilado, ou é cooptado, desapropriado pela torrente modernizante. A cada passo que dão, deixam de ser os “donos” do que inventaram, sujeitos de si mesmos. A pressão consumista acaba colocando na cabeça e nos desejos do pobre os tênis, os videocassetes, os carrões e supersônicos dos ricos. A desapropriação e invasão cultural coloca turistas milionários freqüentando terreiros e festas, comprando cocares, usando chinelos-de-dedo, curtindo vida selvagem amazônica. Entre uns e outros morrem despedaçadas as possibilidades de dizer com toda a certeza o que é bom, o que é errado, o que dá certo, o que é possível...

Inculturação, hoje, é um ato da consciência social. A cultura hegemônica — a

que se impõe forma a fachada cultural da sociedade, embora não seja a da maioria — já não dá certeza de identidade, nem de segurança social, nem de status e prestígio. As culturas sujeitas, ora oprimidas, ora em emergência, ainda não o conseguem. Nelas é que se lêem melhor as promessas do novo projeto em que todos poderão ser. Mas nelas é que se vê com mais evidência a violência excludente do projeto social dominador.

Não há inserção sem modificação do sujeito que se insere e do contexto em que se re-encarna. Não há inculturação num mundo em que as culturas estão esgarçadas e não conhecem mais os limites da própria segurança e insegurança. O que chamamos “inserção” é um ato consciente, solidário, por vezes heróico, em que a própria sociedade procura sobreviver. Nele se tornam visíveis os limites culturais ultrapassados pelo entusiasmo evangélico, pela consciência em que tudo se mistura, morre e renasce. Sem uma cultura, o Evangelho não tem voz. Na inculturação se dá o nascimento das novas vozes históricas por meio das quais o Evangelho anuncia sua novidade teimosa: “Ele está no meio de nós”, e ama os *pobres* com amor de predileção.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Inculturação é, antes de tudo, uma postura contemplativa que permite perceber no diverso, no radicalmente outro de uma cultura dada, algo que pode ser admirado. Os negros reconstruíram no Brasil o seu ambiente cultural com tal fidelidade que, mesmo sob as cinzas da cultura dominante, é possível redescobrir, vivas e palpitantes, as raízes do seu modo de ser. Contemple a realidade na qual você vive e procure perceber sinais da cultura negra e indígena que seja possível a você valorizar, admirar.

2. Quem se incultura relativiza a matriz cultural da qual se desveste ou se retira, mostra seus limites, seus erros, suas pretensões. Muitas congregações, entre-

tanto, mesmo nos dias de hoje, impõem mais ou menos sutilmente a seus "votacionados" a cultura em que nasceu a congregação (aprendizado até de orações na língua de origem do grupo, formação até inicial no país de origem, etc.). O que você e seu grupo pensam deste tipo de atitude?

3. Não é possível inserir-se sem produzir vida de maneira diferente, diz o autor. E acrescenta: produzir vida significa trabalhar, significa fazer tudo o que a gente faz para sobreviver, nossas condições e condicionamentos de vida. Dentro deste quadro referencial, que sinais de inculturação você percebe na sua vida pessoal e na de sua comunidade religiosa?

O RESPEITO E A DIGNIDADE

Escuta, pastor dos filhos d'Africa,
Tu que conduziste
Zumbi, Dandara, Monoel Congo
E toda a casa de Oxalá!
Manifesta, Senhor, tu que tens
Imenso amor por todos os oprimidos
e injustiçados.
Dá-nos a teimosia de
nossas mães e pais
Que souberam viver no esconderijo
Da história mal contada;
A força da dignidade e solidariedade
Que nos fez surgir e resistir:

Os Quilombos-Páscoa!
Ouve nosso clamor,
Nosso grito pela justiça e igualdade,
Respeito e fraternidade.
Não deixes que teu rosto negro
Seja desfigurado.
Ensina-nos, Senhor,
A respeitar o ser humano,
A respeitar as diferenças,
A respeitar o nosso nome...
E as coisas que tu criaste,
Por que elas nos levarão a Ti.
Axé! Amém!

SER RELIGIOSO INDÍGENA NA AMAZÔNIA

GRENI - REGIONAL NORTE I

A chegada dos missionários foi um enriquecimento para nossos povos. Houve, porém, uma ruptura com a experiência religiosa anterior.

INTRODUÇÃO

Neste momento histórico em que todos falam de “dimensão missionária”, “ardor missionário”, “ano missionário”, “Congresso Missionário Latino-Americano”... os religiosos indígenas da Amazônia sentimos o direito, o dever e a necessidade de dizer também uma palavra. Durante muito tempo, quando se falava de missões, entendia-se o trabalho que os brancos faziam com os índios em toda a América Latina. Podemos dizer que nós somos o fruto — sinal visível um pouco tardio — de quinhentos anos de Evangelização Missionária.

Agradecemos ao GRENI Nacional a oportunidade que nos oferece de partilharmos um pouco da nossa experiência de vida religiosa. Falar do *ser religioso indígena da Amazônia* é muito abrangente, pela imensidão e diversidade de situações que existem na Amazônia. Queremos apresentar aqui a síntese das opiniões de vários religiosos indígenas que conseguiram se reunir e refletir juntos. Tentamos expor nossa experiência, nossas dificuldades, nossas an-

gústias, e também queremos questionar um pouco a vida religiosa como um todo.

1. A RELIGIOSIDADE DOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA E A EVANGELIZAÇÃO CRISTÃ

Os povos indígenas da Amazônia são profundamente religiosos. Os nossos pais, nas suas várias culturas, viveram a experiência do relacionamento com o “Outro”, ou seja, o divino, bem antes da chegada do cristianismo em nossas terras. Existem crenças, lendas e lugares considerados “sagrados” que ajudaram o homem indígena a viver a dimensão religiosa durante toda a sua existência através dos séculos.

A chegada dos missionários foi um enriquecimento para os nossos povos, que passaram a conhecer Jesus Cristo, a Igreja, os sacramentos e diversas atividades em defesa da nossa vida, que estava sendo ameaçada pelos interesses de pessoas gananciosas. Também houve uma ruptura com a experiência religiosa anterior. Eles trouxeram um novo modo de viver a religião, de acordo com a cultura deles. Embora tenha havido muito heroísmo, às vezes o testemunho que deveria acompanhar a evangelização não tinha nada a ver com o ensinamento, e isso nos escandalizava. Mas Deus, que se serve dos homens do jeito que eles são, usou deste meio para levar-nos ao conhecimento de uma verdade maior. De fato, o cristianismo, de algu-

ma forma, foi penetrando na vida dos nossos povos.

2. O SURGIMENTO DA VIDA RELIGIOSA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

O desejo de entrar na Vida Religiosa nasce do testemunho que vemos nos religiosos que procuram, na transparência de suas vidas, mostrar que é possível viver de acordo com o ideal e a vida de Jesus Cristo. A presença de missionários religiosos fez que alguns jovens indígenas admirassem a vida desses missionários e missionárias, achassem bonito o trabalho deles, sua dedicação, e compreendessem as motivações religiosas daquela vida. Foi assim que começaram a sonhar... e depois manifestaram o desejo de experimentar a vida religiosa. Alguns foram para frente, outros ficaram no meio do caminho porque de repente sentiram desconfiança, desprezo, discriminação, ou não conseguiram se acostumar com a vida e os costumes dos outros religiosos...

Iniciamos o período de formação com bastante entusiasmo, mas aos poucos sentimos as diferenças, e sofremos um abalo cultural; talvez seja por isso que alguns até rejeitaram a sua identidade de indígena. Temos dificuldade com o português porque a nossa estrutura lingüística é diferente; por causa disso, percebemos que alguns formadores acham que não temos capacidade de estudo e de raciocínio. O nosso ritmo de vida é diferente do ritmo dos nossos formadores e isso também os leva a formar opiniões negativas a nosso respeito. Mas conseguimos superar isso! Existe dentro de nós o desejo grande de fazer florescer a Vida Religiosa em nosso meio. Os benefícios são sempre maiores que as dificuldades, e por isso conseguimos ir em frente.

3. A EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Nos anos sessenta vários Institutos começaram o acompanhamento vocacional com jovens da Amazônia, e também com indígenas. Demorou um pouco mais termos noviciados na Amazônia, e atualmente ainda são poucos. De modo que esta etapa tão importante na formação era, e em muitos casos continua sendo, realizada fora do ambiente amazônico.

Esta etapa formativa é muito importante, e em geral, positiva. Algumas vezes, porém, como indígenas, sentimos o peso de alguns formadores não estarem preparados para acompanhar-nos. Mesmo entre brasileiros, é difícil que reconheçam o valor das culturas indígenas. Por causa disso, da saudade, e das características próprias do noviciado, sentimos que existe um preconceito com relação ao indígena.

Refletindo a respeito de tudo isso, nos perguntamos quais seriam as dificuldades de se abrir uma casa de formação intercongregacional para religiosos indígenas. Talvez este fosse o caminho para preparar melhor o padre e o religioso indígena de acordo com suas raízes. Gostaríamos que esta possibilidade fosse examinada pelos bispos e provinciais da Amazônia.

4. A NOSSA VIDA RELIGIOSA

Depois do noviciado passamos a experimentar, de forma concreta e real, tudo aquilo que aprendemos na formação inicial. Vivenciamos a beleza da vida comunitária e também as nossas limitações:

- acostumados a um mundo onde se valoriza o grupo e a verdade, encontramos falsidade na amizade, e o que é pior, também em nós mesmos;
- as estruturas da Vida Religiosa, por um lado, nos ajudam com a sua segurança mas, por outro lado, nos limitam, porque não conseguimos nos encaixar ne-

las: nas nossas culturas é diferente! Talvez estejam perdendo um tempo precioso insistindo demais nas nossas diferenças, fazendo assim adiar os tempos de uma evangelização plenamente inculturada;

- com relação aos votos, notamos a incoerência que existe entre o discurso e a vida cotidiana, e muitas vezes nós também nos acomodamos;
- às vezes pensamos que só existem duas possibilidades: ou aceitamos as coisas como estão, para não sermos considerados problemáticos, ou abandonamos a Vida Religiosa e assim damos razão àqueles que pensam que não somos capazes de viver esta vida; mas existe uma terceira alternativa: levar à Vida Religiosa o profetismo das “sementes do Verbo” que estão presentes nas nossas culturas;
- quando trabalhamos com os não indígenas inicialmente somos discriminados e até humilhados: não somos aceitos como padres ou como religiosos e religiosas; as pessoas desconfiam de nós e não acreditam na nossa identidade religiosa; quanto ao trabalho com nossos irmãos indígenas, inicialmente não foi muito bom porque, segundo o conceito que eles têm de padre e de religioso, só aceitavam os brancos, com dinheiro e equipamentos sofisticados; mas aos poucos a mentalidade começa a mudar, e sentimos que aparece um novo respiro de esperança no meio do nosso povo.

Superadas as crises e os preconceitos, percebemos mais claramente como os nossos irmãos indígenas nos valorizam e o que esperam de nós. Podemos falar na língua que eles entendem e somos compreendidos. Também estamos começando a celebrar de acordo com as nossas culturas,

sem deixar de lado as orientações da Igreja. Trata-se de toda uma caminhada que teve início nos esforços de inculturação de alguns missionários; mas estamos conscientes de que agora, conosco, essa caminhada ganha um sentido maior e mais profundo, pois nós temos possibilidade de chegar a muitos lugares aos quais só nós podemos chegar. Vivemos um momento privilegiado em que o Evangelho está penetrando no nosso mundo com mais clareza, sem dominação cultural, a partir dos meios e dos símbolos tirados da nossa vida. Tudo isso é muito gratificante e por isso, apesar do tamanho dos desafios, estamos cheios de esperança.

CONCLUSÃO

Nestas linhas tentamos descrever um pouco da nossa experiência. As palavras sempre empobrecem a experiência vivida pelas pessoas, mas é preciso falar, e às vezes até gritar, para dizer com Maria: “A minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta em Deus meu Salvador”. Outras vezes o nosso grito é mais parecido com aquele “das profundezas clamo a ti, Senhor: Senhor, escuta meu gemido!”

Acreditamos que está na hora de os religiosos e religiosas indígenas, juntamente com os não indígenas, concretizarem as diretrizes a respeito da Vida Religiosa: vivenciar mais nossa consagração, inculturando o evangelho no meio do nosso povo.

Não podemos cruzar os braços esperando que caia do céu uma “Vida Religiosa perfeita ou dinâmica”. Isso depende de nós, de nossa ajuda mútua. Consertando as nossas falhas conseguiremos construir uma Vida Religiosa mais autêntica, seremos capazes de enriquecer mais a nossa Igreja, trabalhando pelo Reino do Senhor.

NOSSA MÃE E IRMÃ NATUREZA

A mãe natureza faz festa para a vida,
 Jorra do seu seio água
 para regar a terra,
 Matar a semente e brotar nova vida...

Expele do seu corpo a mata
 Que protege a terra da erosão
 Abriga em seu núcleo
 os filhos da mãe-terra
 Os animais, os peixes, as plantas...

A mãe natureza é a liturgia eterna
 De Tupã para com a humanidade
 Mãe natureza, como és bela!
 Como teu criador
 Soube te dar um colorido especial,
 cheio de beleza,
 De variedades de cores mil.
 És acolhimento, és refúgio,
 és descanso,
 És alegria para os filhos de Tupã.

Louvado seja quem te criou,
 Mãe Natureza.
 Ao te contemplar fico extasiada,
 encantada
 Com a serenidade, com a paz,
 com tua acolhida.

Meu coração se comove ao ver-te
 Devastada, explorada!

Perdão por aqueles
 que não sabem contemplar-te,
 Não te amam,
 Destroem as matas,
 os animais selvagens, as aves,
 Poluem o ar, as águas,
 destruindo a vida dos peixes.

A itaúba, piquiá, cedro, angelim,
 audiroba, açaí,
 Todos agonizando
 Juntamente com o tambaqui,
 tartaruga, peixe-boi
 E todo tipo de jabuti.

Agressão contra teu corpo
 É agressão também contra a nossa
 natureza.

De mãos dadas, teus filhos,
 frutos do teu amor,
 Lutam para ver-te livre.
 Como sentir-se livre
 Se a cada dia és ameaçada!?

Como havemos de calar,
 Se tu és criatura de Deus
 E não te vemos respeitada?
 O amor que temos por ti nos enche
 de paixão.
 Ó Mãe natureza!!!

NEGRITUDE: DESAFIO À VIDA RELIGIOSA

Aurino José Góis*
Belo Horizonte, MG

Ser negro é afirmar uma história que foi negada. É resgatar um sonho de Quilombo que foi perdido. Implica um compromisso radical com a causa de um povo que é o seu povo.

INTRODUÇÃO¹

O movimento Negro, juntamente com outros movimentos sociopolíticos, volta ao cenário Nacional, no final da década de 70, num contexto de transição política, de uma abertura lenta e gradual do regime militar com vistas a uma redemocratização do país². Assim, em 1975, sob a influência das lutas pela independência dos países africanos, surgem várias entidades tais como: IPCN-RJ (Instituto de Pesquisa da Cultura Negra), Federação das Entidades Afro-Brasileiras de São Paulo; IBEA-SP (Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas), CECAN-SP (Centro da Cultura e da Arte Negra). Em 1978, a partir de um ato público contra a discriminação e o preconceito, com a participação de mais de 3000 pessoas, dá-se início à organização do MNU (Movimento Negro Unificado)³. Nesse mesmo ano, a CNBB convoca uma reunião a fim de elaborar subsídios

sobre a questão do Negro, tendo em vista a III Conferência do Episcopado Latino-Americano, que iria acontecer em Puebla (México)⁴. Desde então, a questão da negritude não poderia passar despercebida pelas análises sociopolíticas mais lúcidas e comprometidas. Assim, aos poucos, essa questão foi perpassando todos os setores da sociedade. Longe de estarmos todos conscientes da relevância da questão na compreensão dos problemas fundamentais que nos atingem, a questão do negro é ainda um eco, mas persistente, na cobrança de uma história mal contada, que nos relegou à herança presente de desigualdades e de discriminações sociais.

A questão da negritude começou a ser discutida na Igreja pelos negros depois de Puebla. Com o decorrer da discussão, muitas questões foram levantadas e deram origem à formação de grupos específicos tais como os APN's (Agentes de Pastoral Negros), congregando leigos engajados, padres, religiosos(as) e formandos(as) negros. Os padres, religiosos(as) e formandos(as) sentem a necessidade de discutir essas mesmas questões relacionadas ao seu estado de vida. Dessa necessidade surgem os grupos específicos dentro dos APN's. Assim, temos já em 1986 o III Encontro dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros do Rio de Janeiro, sob a proibição de Dom Eugênio Sales⁵. Os Formandos realizaram o seu primeiro encontro em 1987, e o relatório foi publicado na REB nº 47.

* O AUTOR: Aurino José Góis é agente de pastoral negro e professor de filosofia em Belo Horizonte, MG.

No fervilhar das questões surgidas de nossa condição de religiosos, padres e seminaristas, assumindo um processo de Identidade Negra, brota a pergunta sobre a possibilidade de sermos ao mesmo tempo consagrados em tais estados de vida e de sermos Negros, sobre a qual nos detemos mais especificamente.

1. O SENTIDO DA QUESTÃO

É possível ser Negro e ser Religioso? À primeira vista essa pergunta não faz sentido e deverá parecer estranha para muitos. Apesar de serem poucos os religiosos Negros, eles estão aí para atestar essa possibilidade questionada pela pergunta acima, embora saibamos que a entrada de Negros na Vida Religiosa (VR) é um fato relativamente recente. Há trinta anos ainda se discutia essa possibilidade. Em julho de 1960 realizou-se a IV Assembléia dos Superiores Maiores, cujo tema principal era o "recrutamento entre os elementos de cor". Antes da realização da "Assembléia" a CRB enviou um questionário aos Superiores Maiores perguntando se aceitavam ou não Negros nas suas Províncias. Dos 100 provinciais homens que responderam, 17 disseram que não recebiam negros; 42 só recebiam "pardos"; 36 aceitavam negros; e 5 não aceitavam nem "pardos".

Entre as Superiores Provinciais, das 157 que responderam, 54 não aceitavam negras; 53 aceitavam "pardas"; 20 recebiam negras e 30 não aceitavam nem "pardas" (4). Muitas Ordens e Congregações proibiram nitidamente em suas Constituições a admissão de Negros⁶.

Poder-se-ia dizer, no entanto, que isso é passado, que avançamos muito desde o Vaticano II, e essas coisas foram contingenciais àquela Consciência Possível⁷. O Pe. Antônio Aparecido (Toninho), contudo, contrapõe muito bem essa argumenta-

ção: "A 'Consciência possível' para os cristãos de todas as épocas é a prática de Jesus contida nos evangelhos e que abomina toda discriminação, marginalização e escravidão"⁸. Também a conjuntura eclesial atualmente nos aponta mais para um retrocesso que para um avanço em relação às conquistas decorrentes do Vaticano II, desfavorecendo em muito a abertura da igreja à problemática do Negro. É o que nos diz o teólogo da Libertação João Batista Libânio em seu livro "Volta à Grande Disciplina": "O Tempo de novas investidas teológicas ou pastorais já terminou"⁹. Mas não nos interessa aqui no momento aprofundar isso. Todavia, é de certo modo verdade que a não admissão de Negros na VR seja coisa do passado. De fato, a VR, inserindo-se no âmbito do pobre, recolhe, e continuará recolhendo enquanto permanecer inserida, vocações populares, em sua maioria Negras. Assim, a possibilidade da presença de Negros na VR torna-se um fato inegável, haja vista a supressão das restrição do passado. Portanto, qual o sentido de se questionar a possibilidade de ser Negro e ser religioso? Explicar este sentido é o que se propõe a nossa reflexão.

A) SER NEGRO — SIGNIFICADO

Ser Negro e ser religioso não constitui nenhum problema para a VR, quando este Negro se diferencia dos demais membros apenas pela cor de sua pele. Nesse nível é possível ser Negro e ser religioso. Quem estranhou a princípio o questionamento da possibilidade de ser Negro e religioso possui essa compreensão do negro: um ser que se diferencia dos demais simplesmente por sua cor. Oxalá!, assim fosse. Mas não é.

Esse ser de pele escura tem uma história. Uma história diferente e "sui generis". Uma história de negação. É preciso compreender esse ser que se autocompreende em sua história de negação, para compreender o Negro que se afirma Negro. Sem

essa compreensão histórica, sem essa sensibilidade, somos todos racistas potenciais. Exigiremos sempre do Negro uma "alma branca".

Para Sócrates, o filósofo grego, a alma é a Reação. Para nós, Cristãos, alma num sentido mais genérico é o Espírito. Essas duas concepções traduzem muito bem a exigência histórica, ou melhor, imposição histórica de negação de Identidade do Negro, no dito popular "negro de alma branca". Negro que **pense** e que **creia** à maneira branca (o termo branco/a será sempre entendido em nosso texto significando a tradição ocidental européia).

O Negro, aqui chegado, destituído da família, da Tradição e dos Valores seus, destituído mesmo de sua condição humana, de seu nome, é marcado desde o início pela **negação**¹⁰. É preciso compreender e sentir a profundidade disso. É preciso se encarnar nessa história para sensibilizar-se com os gritos Negros de justiça que soam nas favelas e nas ruas da marginalidade.

Este Negro destituído de sua história inicia uma outra história. Primeiramente, como um "zé-ninguém", melhor dizendo, "um Pereira, um Silva ninguém". Depois, continua uma história anônima, de heróis anônimos. Muito depois, muito mesmo, quinhentos anos depois, ele continua ninguém. Agora ele recebe um termo: "menor", "mendigo", "papeleiro" se está na rua; "favelado" se é pobre, e recebe um número se estiver nas penitenciárias ou manicômios.

Zumbi, o herói anônimo da história oficial dos Quilombos dos Palmares, 1695, ao ser assassinado pelo exército colonial com seus Quilombolas guerreiros, atira na história a sua lança certo de que a história fará jus ao seu sangue. **Esta lança hoje está nas mãos de todos os Negros, que não só e simplesmente têm a cor preta, mas que pensam, acreditam a agem como Negros. E assim pensam, credi-**

tam e agem porque encarnam a história de seus antepassados. *Ser Negro, portanto, em nossa concepção é muito mais que afirmar a cor da pele, que é uma evidência. É afirmar uma história que foi negada. É resgatar um sonho de Quilombo que foi perdido. Implica um compromisso radical com a causa de um povo, que é o seu povo.*

É nesse sentido que se coloca a pergunta sobre a possibilidade de o Negro ser religioso. Talvez ela seja radical, ou assim pareça. Porém, prefiro encarar de outro modo, pois estou convencido que ser Negro é uma conversão, e a solidariedade a ele exige o mesmo, ou seja, uma conversão à sua causa, um olhar para a história desde o seu ponto de vista. De nada adianta afirmar-se Negro se isso não se traduz numa prática. Desse modo, a negritude se constitui num **desafio** não só para o Negro, mas para toda a sociedade brasileira, já que a questão da negritude está no cerne de nossa formação social.

B) O SER NEGRO — IMPLICÂNCIAS

Entendendo "Ser Negro" como uma postura histórica, isto é, uma atitude de reivindicação e resgate diante da história de negação do Negro, necessariamente ser Negro implicará conflitos. Conflitos internos, que ocorrerão ao próprio Negro que buscará encarnar-se na história, de seus antepassados, uma vez que a história deles não é mais a sua história por conta da negação secular que ela sofreu. Conflitos externos, desse "preto" que vai se insurgindo Negro em meio a uma sociedade estruturalmente branca e que persiste em negá-lo enquanto Negro.

Toda a sociedade (sempre estou me referindo à sociedade brasileira), e também a VR, historicamente procederam desta forma: exigindo do Negro uma "alma branca" (no sentido que aqui já foi explicado). Isso pode ser constatado nos fatos históri-

cos documentados. Poderia ser assunto de boa conversa a eleição histórica desses fatos, mas foge do nosso objetivo. Trata-se, contudo, de uma forma de compreensão histórica do Negro que persiste até hoje. *“Não houve no Brasil, para os escravos, nada que se assemelhasse ao esforço dos jesuítas na catequese do índio. Não há notícias de catecismos na língua das diferentes ‘nações’ africanas que aqui aportavam e que muitas vezes eram batizadas no ponto de desembarque, quando não no ponto de embarque na África”*¹¹. Poderíamos nos perguntar qual foi o esforço de inculturação da VR ao aceitar Negros em seus Institutos? No que modificou-se o modo de viver o Carisma para acolher o Negro em seu seio? Houve essa preocupação? Ou o Negro aí entrou simplesmente como o ser que difere dos demais pela cor de sua pele? Se foi com essa compreensão que se acolheu o Negro na VR, não haveria mesmo de se ter as preocupações acima elencadas. E o Negro que assim também se compreendeu e se compreende, foi e continua sendo um religioso tal qual os demais. Pois ele é simplesmente um “preto” entre brancos, mas não um Negro entre brancos.

Percebe-se que faço uma diferença de compreensão entre preto e Negro¹². Quando utilizo o termo “preto”, digo da cor da pele, se mais clara ou mais escura, que dá o “direito” do indivíduo se achar moreno, mulato ou de outra denominação qualquer. Na verdade, isto foi o resultado da ideologia do embranquecimento constituída no decorrer de nossa história, através de “privilégios” (se é que podemos assim chamar) concedidos aos filhos das negras escravas com os senhores brancos. A partir daí, a cor foi se constituindo como fator de ascensão social e permanece até hoje. Já quando utilizo o termo “Negro”, digo de alguém independente da cor da pele, se mais clara ou mais escura, que **encarna** a história dos Africanos trazidos da África e

dos quais ele descende. Trata-se de assumir a história de um povo que é o seu povo. Por isso ser Negro implica **resgate e reivindicação**, por conseguinte, **conflito**.

Ser Negro, sendo a encarnação de uma história, constitui-se num **processo**. Num processo de Identidade. Processo este que encontra seu suporte na Comunidade Negra de Militância, sobretudo. **Trata-se de uma construção, de algo que está por se fazer**. Sendo a Comunidade Negra de Militância o espaço dialético fundamental de formação da Identidade Negra, poderá haver conciliação entre esse espaço e o espaço religioso? No mínimo é um desafio muito grande para ambas as partes, Religioso Negro(a) e Vida Religiosa, se ambos buscarem com sinceridade suas Identidades. Porém, considerando o grande número de Negros que entram e saem da Vida Religiosa, podemos nos perguntar até que ponto o processo de identificação Negra não é um processo inverso de desidentificação religiosa?

O desafio que se coloca para ambos é o de abertura. Palavra gasta, mas que aqui quer significar estritamente beber de uma **Nova Sensibilidade**, de uma **Nova Compreensão** que está sendo gerada pela Comunidade Negra.

A Comunidade de Militância Negra é o espaço dialético dos Movimentos Negros. É lá, acredito que o Negro Religioso, a Vida Religiosa e toda a Igreja irão beber essa Nova Sensibilidade; mas sem contudo acomodar-se naquela posição de que “aos Negros, o que é Negro”. Isto é, relegar os assuntos referentes ao Negro aos cuidados do próprio Negro, alegando falta de conhecimento para a questão. É justamente isso que defendo, que todos adquiram esse conhecimento, essa sensibilidade. A Vida Religiosa jamais poderá ser autêntica e universal como pretende se não se sensibilizar, toda ela, com a causa do Negro. O que pretendo com isso? Ene-

greger a Vida Religiosa? Não. Apenas re-
pito o que a Igreja afirma ser: Católica,
Universal. A universalidade da fé Católica
só será válida para os negros na medida
em que este sentir-se contemplado nela.
Em outras palavras, na medida em que esta
fé não o negue. Essa é para mim uma con-
dição de possibilidade para uma verdadei-
ra inculturação. Nesse sentido, o que digo
do Negro vale para a questão do Índio e
para a questão da Mulher também, bem
como para todas as questões.

C) A VIDA RELIGIOSA — O SEU PROJETO

O Negro religioso encontra-se em Ins-
tituições, muitas delas já com séculos de
tradições. Ele reconhece essas tradições e
seus valores, tanto que se sente atraído por
elas. O que então reivindica o Negro que
se autocompreende Negro nesse espaço
religioso? Reivindica que esses valores
sejam revestidos de uma pluralidade, para
que neles eles se encontrem também. Em
outras palavras, reivindica que a Vida
Religiosa se inculture na questão negra.

A necessidade de revestir a Vida Reli-
giosa e a própria Igreja Latino-americana
de valores Negros e Indígenas só se apre-
senta para aqueles que estão sensibilizados
pela causa. Não é fácil, contudo, perceber
essa necessidade, e muito menos traduzi-
la em prática, uma vez que há quinhentos
anos agimos do mesmo modo. É todo um
processo que começa a ser gerado.

Se universais são os valores da VR,
universal não é a forma como são expres-
sos esses valores. É preciso reconhecer
isso. Aprendemos a rezar de joelhos, em
silêncio e ao som de órgãos. Mas não se
pode também rezar dançando, cantando e
ao som dos tambores? Mas como rezar
desse outro modo se há quinhentos anos
fazemos daquela maneira? É necessário
reaprender, é necessária uma **Nova Sensi-
bilidade**, a qual implica novas maneiras

de pensar, de agir e de acreditar. Nesta
Nova maneira de pensar, de agir e de acre-
ditar vai se construindo um novo projeto
que tem muito do Velho, mas que tem
também muito do Novo. É aí que se dá o
confronto entre o projeto do Negro Reli-
gioso e o Projeto da Vida Religiosa. É
possível o casamento? Sim. Se ambos acei-
tarem submeter-se às normas do contrato.
Mas, estarão as partes dispostas a isso? Eis
o desafio.

Para a Vida Religiosa, abrir mão de
certas coisas significa abrir mão de seus
“dogmas”, significa abrir mão de sua Iden-
tidade, pois trata-se de reformulá-la, reno-
vá-la, não com algo que está aí, mas com
algo que está por ser construído. Disso de-
corre naturalmente a insegurança. Para o
Negro religioso, por sua vez, abrir mão de
certas coisas implica abrir mão de sua Iden-
tidade, submeter-se à negação de si mes-
mo, optar entre ser Negro ou ser Religio-
so. O que está em questão é a possibilida-
de de preservar a sensibilidade Negra as-
sumindo uma comunidade branca.

2. O DILEMA: O NEGRO RELIGIOSO OU O RELIGIOSO NEGRO?

Muitos Religiosos Negros, senão a
maioria, descobriram-se Negros dentro da
Vida Religiosa, ou seja, descobriram-se
Negros já Religiosos. A Vida Religiosa,
neste caso, tem o mérito de ter proporcio-
nado esta descoberta (e continua proporcio-
nando). Mas ela é incapaz de reconhecer o
“filho” que gera, ou melhor, está impossibi-
litada de reconhecê-lo, por limitações estru-
turais. Ela se desconhece no filho e o filho
se desconhece nela. Isso quer dizer que no
momento mesmo em que “nasce” o Negro,
inicia-se um outro processo de gestação, o
do Religioso Negro. Esse processo está ape-
nas no início, a mãe terá ainda que sofrer
muito até que seu novo filho nasça.

No momento em que o “religioso preto” se descobre Negro, instaura-se gradativamente o conflito da possibilidade de casamento entre o ser Negro e o ser Religioso. Como resgatar e vivenciar valores Negros, numa comunidade de vivências exclusivamente branca? Como assumir ou continuar assumindo essa comunidade, cultivando uma crescente sensibilidade Negra? O desafio se apresenta mais nitidamente quando percebemos que este “como” precisa ainda ser construído num processo dialético, entre o Negro e a Vida Religiosa. Significa que não há respostas prontas. Que não há um modo de ser definido do que seja o religioso Negro ou o Negro religioso. Este novo “filho” está por ser gerado.

Qual seria o ponto de partida desta gestação? Ser religioso assumindo os valores da Vida Religiosa e aos poucos ir inculturando valores Negros, ou ser Negro e ir assumindo os valores da Vida Religiosa que não contradigam o ser Negro? Essa alternativa significaria assumir os valores que ambos possuem em comum ou que podem ser reconciliáveis. Acredito que esse caminho não seria possível e é na prática inviável, pois, nessa hipótese, ambos preservam suas identidades; logo, o filho que daí resultará, ou pode resultar, será um filho esquizofrênico de duas personalidades: religiosa e negra. Essa alternativa permanecerá na periferia do conflito. Tentará ela trabalhar as questões periféricas, mas nunca tocará na questão central, que vem a ser a da Identidade.

O “filho” que deve ser gerado — o Negro Religioso ou o Religioso Negro — deverá ser o resultado de um processo interativo dialético entre o Negro e a VR, e por extensão, a Igreja. Para que este processo se concretize, é necessário que as partes estejam dispostas a interagir. Interagir não a parte, mas o todo de cada parte envolvida. Ora, estarão as partes dispostas ou mesmo em condições de interagir com

seu Todo? Claro que, neste momento histórico, não. No entanto, fica apontada a direção para a qual se deverá encaminhar. Esse “filho” não poderá ser esquizofrênico, mas terá de ter uma única personalidade. A personalidade resultante deste processo. Não deverá ter ele a personalidade do Religioso e do Negro, mas a personalidade do Religioso Negro ou do Negro Religioso.

Os condicionamentos históricos, fruto desses quinhentos anos de história negada, não permitem ainda hoje, depois de tanto tempo, que este seja o momento histórico de geração deste “filho”. Oxalá ele possa ao menos ser gestado em boas condições.

Esses condicionamentos são os limites estruturais que não permitem à Vida Religiosa interagir totalmente, por um lado; por outro lado, o Negro interage totalmente, porquanto ele encarna o próprio processo de inserção, mas se vê impossibilitado de continuar sem o risco de autonegar-se. Dito de outra forma, ou o Negro continua interagindo e se torna o “esquizofrênico” religioso e Negro, ou simplesmente vai ser o Religioso e deixar de ser Negro. Uma outra alternativa é desistir de ser Religioso e ser Negro, isto é, deixar a Vida Religiosa àqueles Negros que ainda guardam nela uma esperança e partir para o terreiro-mundo e lá ser o Negro religioso que sempre ele foi. Essa tem sido a alternativa escolhida, ou mais justamente dito, à qual é impelida a maioria dos Negros.

CONCLUSÃO

A nossa reflexão teve os seguintes passos: primeiro, o conflito Negro e Vida Religiosa situado em seu contexto histórico; segundo, a explicitação desse conflito; terceiro, as dificuldades inerentes ao conflito que impossibilitam uma solução rápida, constituindo-se, antes, em desafio para ambos — Negros e Vida Religiosa. Ao apontar as dificuldades para uma solução breve justificamos o conflito e explicitamos o

sentido mesmo da questão para as partes envolvidas.

Quem coloca à reflexão religiosa o questionamento sobre a possibilidade de ser religioso e ser Negro é o próprio Negro que se autocompreende Negro no espaço da Vida Religiosa. Esse questionamento se dá no nível do sujeito. Por isso o itinerário desta reflexão é um itinerário pessoal. Significa que esta reflexão não traduz o processo de todos os Negros que assim se autocompreendem, mas que eles podem encontrar ressonância nesta reflexão.

Dar uma resposta ao questionamento acima ainda não é possível. Ele se constitui num desafio para todos nós: Negros,

Vida Religiosa e Igreja. A nossa reflexão não teve a intenção de responder esse questionamento, a saber, sobre a possibilidade de ser Religioso e ser Negro; antes mesmo ela pretendeu colocar a questão. Trazer à reflexão religiosa o sentido de um clamor ainda tão pouco escutado e muito menos ainda compreendido, este foi o nosso objetivo aqui: sermos ressonantes aos clamores subjacentes aos conflitos entre Negros e Vida Religiosa. Oxalá tenhamos alcançado este intento. Em todo caso, o "diamante" está por ser lapidado, e lapidá-lo é tarefa que se coloca para todos os que buscam com sinceridade o Reino que está em nosso meio. AXÉ!

NOTAS

1. O presente texto foi escrito no ano de 1990, quando eu era estudante jesuíta e cursava o primeiro ano de Filosofia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte. A necessidade de explicar as transformações que me ocorriam a partir da aceitação do ser negro, gerou este e outros textos.

Ao fazer esta reflexão, não tinha pretensão de publicá-la, embora a tenha constituído desde o início com rigor acadêmico. Talvez ela pareça muito subjetiva, e não pode ser de outro jeito. É decorrência do esforço empreendido de se colocar na perspectiva do Negro que se autocompreende Negro e as conseqüências oriundas dessa compreensão.

Autocompreender-se Negro significa refazer a história pessoal, relendo a história objetiva da cultura em que se está inserido. A reflexão que se segue é o esforço de tornar explícito esse processo singular de se autocompreender Negro. Singular e, ao mesmo tempo, até certo ponto, universal para todos aqueles que trilham os caminhos da consciência Negra ou negritude. Talvez por isso o texto na época tenha sido bem recebido por alguns irmãos da ordem e de outras Congregações. Fico feliz de poder contribuir agora, ainda mais, com a sua publicação.

Há três meses, e cinco anos após ter feito essa reflexão, deixei a VR. O motivo de minha saída não está imediatamente ligado a esse processo, mas este processo me ajudou no decorrer desses anos a discernir a maneira de realizar minha vocação. O Espírito conduziu-me para que eu a realizasse não mais do modo como a vinha realizando.

do. Desejo que essa reflexão possa trazer muitas luzes para a VR e a Igreja como um todo. Mas, especialmente, que ela possa fazer eco na vida de meus irmãos Negros e Religiosos.

2. *CADERNOS DO CEAS* nº 134, julho/agosto 1991, p. 41. O grifo é nosso.

3. *NEGROS NO BRASIL: Dados da Realidade* IBASE/VOZES, Rio de Janeiro, 1989, p. 53.

4. *CEAS, op. cit.*, p. 42. O grifo é nosso.

5. SILVA, Antonio Aparecido (orionita). *Comunidade Negra: interpelações à Vida Religiosa*. CRB, Rio de Janeiro, 1988 p. 10. O grifo é nosso.

6. *Idem*, p. 12.

7. Ver o estudo sistemático de Luís Palacim sobre o tema: *Revista Síntese* 13: 1978, pp. 31-54; 16: 1979, pp. 27-46; 21: 1981, pp. 31-60.

8. *Idem*, pp. 14.

9. LIBANIO, João Batista, SJ. *A Volta à Grande Disciplina: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja*. Ed. Loyola, col. Teologia e Evangelização, 1984, 2ª edição, cf. p. 141.

10. Ver Manoel J. de F. Castelo Branco. *Fundamento II: o lugar do Negro na Dupla Condição do "NÃO"*. in *REB* vol. 48, fax. 189. março de 1988, p. 57-77.

11. *Cehila, história da Igreja no Brasil*, tomo III/2. Petrópolis, Vozes, 1985, pág. 263 — org. José Oscar Beozzo.

12. A diferença que faço entre "preto" e "negro" não é uma diferença entre cor e raça. Não se trata de uma discussão racial propriamente, mas sim de uma discussão estritamente política. Neste sentido, a diferença deve ser entendida no horizonte da Negritude. A respeito da discussão sobre raça ver: ... Sobre Negritude ver: Munanga, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*, Ed. Ática, São Paulo, 1986.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. É possível ser Negro e ser Religioso? pergunta o autor, lembrando que, em 1960, de cem provinciais consultados pela CRB 17 responderam que não recebiam negros, 42 só pardos, 36 aceitavam negros e 5 não aceitavam nem pardos. Você conhece religiosos/as negros? Como percebe o seu nível de aceitação e integração nas respectivas congregações ou ordens religiosas?
2. Toda a sociedade e também a VR historicamente exigiram do Negro uma "alma branca", isto é, um procedimento de pensamento e crença dentro da tradição ocidental européia branca. Uma postura histórica diversa provocará inevitáveis conflitos internos e externos. Como você e sua comunidade poderiam ajudar nossos irmãos e irmãs na VR, que vivem em sua área de presença missionária, a sentir nossa solidariedade?
3. Aprendemos a rezar de joelhos, em silêncio e ao som do órgão. Mas será que não podemos também rezar dançando, cantando e ao som dos tambores, aceitando uma sensibilidade diversa diante do Divino? O que você e sua comunidade pensam disso?

SALMO DA FESTA DA ALEGRIA

Com alegria,
Nas festas e danças,
Com tambores,
Agradecemos a Olorum, nosso Pai,
E a Oxalá, nosso Irmão,
Yemanjá, Senhora e Mãe Nossa,
A Virgem da Conceição;
Que nos fazem encontrar-nos,
Conviver,
Comemorar,
Solidarizar,
E partilhar.
E partilhar os sentimentos;
O amor,
A amizade,
O sentir-se irmãos
E celebrar a Vida,
Expressar e viver a esperança.

Pela força e resistência,
Pelo sangue derramado
De nossa raça,
Pelas vitórias conquistadas,
Pelos nossos antepassados,
Que nos ensinaram
A celebrar a vida:
Agradecemos a Olorum,
Por este momento sublime
De festejar e alegrar;
A expressão de se libertar,
Da corrente da opressão
E viver a nossa vida
Com intensidade.
Axé!

DE COMO A VIDA RELIGIOSA TERIA MUITO O QUE APRENDER COM OS POVOS INDÍGENAS

Fr. Florêncio Almeida Vaz Filho, OFM*

Rio de Janeiro - RJ

A vida é uma festa, um ritual,
uma atividade que dá prazer,
para se realizar de modo
criativo e leve.

Se leis existem, é para
resguardar este estilo de vida.

No momento em que a Igreja na América Latina faz uma reflexão sobre a sua evangelização durante os 500 anos nestas terras, ela reconhece a importância das culturas oprimidas e daquelas que ainda conservam uma tradição distinta da sociedade ocidental. Nesse contexto, ganha importância uma visão sobre traços da sociedade indígena que poderiam enriquecer mais as nossas comunidades religiosas. Este texto procura dar elementos para uma comparação entre características marcantes e distintas da sociedade indígena e da Vida Religiosa (VR), para questionar a possibilidade de uma abertura maior dos religiosos aos valores indígenas.

1. UM POUCO DE HISTÓRIA FAZ BEM

Já se passaram mais de 500 anos desde que os índios deste continente tiveram os primeiros contatos com o Cristianismo, na figura dos missionários católicos, cuja primeira preocupação foi saber se os nativos tinham alma, se eram seres humanos. Concluíram que sim. Então, podiam ser catequizados e batizados. Começou aí um rosário de dores e mortes para aqueles que formavam um dos povos mais livres da face da terra.

Bem ao estilo da época, interessava salvar as almas dos índios. O mundo do corpo, das expressões culturais e toda a riqueza mística foi rotulado de "pecado" e proibido. Os primeiros missionários chegavam a ficar felizes com o resultado das epidemias que matavam em massa, pois muitos se convertiam e eram batizados "in extremis", como podemos observar nesse escrito do venerável José de Anchieta: "num breve espaço de tempo morreram muitos e a maior parte era de meninos inocentes; a cada dia morriam três, quatro, às vezes mais, que para povoação

* O AUTOR: Frei Florêncio Almeida Vaz Filho, da Ordem dos Frades Menores, está na Vice-Província S. Benedito da Amazônia e faz pesquisa de questões referentes às comunidades indígenas, cultura e desenvolvimento. Formado em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, é mestrando em desenvolvimento e agricultura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ. É indígena, do povo MAYTAPU, do Rio Tapajós — Pará.

tão pequena foi boa renda para Nosso Senhor”.

Essas epidemias eram o resultado do contato com o europeu e da forma de organização das “reduções”. Antes disso os índios não conheciam a gripe, a tuberculose, lepra, sarampo, doenças venéreas, cárie dentária — qualquer agente contagioso. Nas missões eram colocados índios de vários e diferentes povos. A propagação das doenças se dava de modo devastador. Mas na teologia dos padres os males eram castigo de Deus pela vida desregrada que os índios levavam.

O objetivo da catequese era fazer o nativo abandonar a sua antiga vida (por isso eram “descidos”, “reduzidos”) em troca da vida cristã. Tal objetivo ia muito além do aspecto religioso, pois os trabalhos da Igreja e da Coroa estavam interligados — umbilicalmente. A salvação só seria possível ao batizado e súdito do rei de Portugal e Espanha. Este esquema de “redução” e assimilação foi conservado até bem recentemente. Uma mudança de postura em relação ao índio e ao seu mundo, como algo digno de respeito, só veio com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em 1972. Assim, a Igreja no Brasil compreendeu a necessidade fundamental dos indígenas: sobreviver como povo indígena. E para isso era preciso a luta pela terra, respeito à cultura e participação.

Diante dessa realidade, não surpreende que o pequeno número (relativo) de religiosos(as) e padres indígenas na Igreja. Não poderia ser de outra forma em uma Igreja que vê a sociedade indígena não só como “indiferente”, mas como atrasada e incapaz de trazer alguma riqueza em si. Se o CIMI mudou a forma de atuação dos religiosos que trabalham com indígenas, o resto dos religiosos e congregações não alterou muito a sua visão sobre a questão. *infelizmente.*

A cultura dos povos indígenas é muito rica de elementos que nos fazem falta. Também no momento ela passa por um soerguimento político-moral formidável, resultado do acúmulo das lutas travadas com a sociedade “nacional” nos últimos anos e da mobilização pelos 500 anos. Muitas nações fazem esforços para recuperar e conservar sua língua (quem já a perdeu completamente aprende a de nações vizinhas), a demarcação das terras é um movimento até internacional, as articulações intertribais e internacionais estão fortalecidas. Enfim, os povos indígenas vivem e fazem ouvir sua voz.

Nesse momento, então, como a Igreja poderia ter um diálogo com a sociedade indígena? Como seria recebido(a) um(a) moço(a) de uma nação que quisesse entrar para a Vida Religiosa? Nossas congregações estariam dispostas a se despir de seus preconceitos e a aceitar e ajudar a manter a cultura desse(a) jovem? Ou iriam prevalecer os velhos esquemas da “redução” e do “doutrinação”?

Ao falarmos de indígenas não podemos cair em outro erro que é o de idealizá-los de uma maneira que acabe sendo irreal. Indígenas não são anjos, são humanos. A idealização traz dentro de si a idéia de que a sociedade urbano-industrial já não pode “voltar” a ser como a indígena, por mais que seja a ideal. Isso porque a civilização indígena é colocada no passado e o progresso é inevitável. Assim, os indígenas é que terão que correr para alcançar a sociedade industrial. Mas a verdade deve ser dita: moralmente a sociedade é mais saudável que a urbano-industrial. Muito do que para esta é ideal (liberdade, contato equilibrado com a natureza, valorização do idoso e da criança...) para a outra é a realidade.

Mesmo atento a este perigo, vou colocar alguns pontos característicos das sociedades indígenas (SI) sobre as quais vale

S
I
C
P
E
B
T
O
P
O
C

a pena refletir. Claro que são caracterizações genéricas dos diferentes povos, mas é um recurso didático.

2. OS ÍNDIOS E NÓS

2.1. A MÍSTICA

Os índios são muito místicos. E a base dessa compreensão é a sua comunhão espiritual com a terra, a natureza, o cosmo.

A vida de uma comunidade indígena segue o ritmo da natureza que a envolve. Thomas Berry diz que essa **mística natural** está incluída entre as mais elevadas tradições espirituais da humanidade. Da Índia vem a consciência da transcendência divina; da China o humanismo místico, e da Europa, a crença num Salvador que intervém na história. Como vemos, a contribuição dos ameríndios não é pequena.

E, prossegue Thomas Berry, “esta é justamente a forma de mística de que mais necessitamos hoje, para reorientar a consciência dos habitantes da América, a fim de aprendermos a reverenciar a terra” e garantir sobrevivência dos bio-sistemas do continente (Berry; 1991,189). Foi talvez essa mística que deu forças e fez a resistência dos ameríndios ser vitoriosa nesses 500 anos. Como poderiam ser os “filhos do sol” derrotados? Não “... porque somos a cultura da terra e do céu, somos de uma ascendência milenar e somos milhões, e mesmo que nosso universo inteiro seja destruído **NÓS VIVEREMOS** por mais tempo que o império da morte”! Foi o que disseram grandes líderes na Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo, em 1975.

A terra é o centro dessa mística. Ela é a Mãe que dá à luz, gera e mantém a vida, por isso deve ser amada e respeitada. A terra é sagrada para o índio. Já ouvimos isso, mas a nossa compreensão não alcan-

ça a profundidade do conteúdo. É sagrada porque é em essência a vida do índio. Lembremos a Pancha-Mama dos andinos e a Mãe-Milho dos Navajos. Por isso os índios não se sentem possuidores da natureza. Como ser dono da água, do ar, do vento? Todos os elementos da natureza coexistem, são irmãos.

Se a natureza é sagrada, é irmã, o trabalho sobre ela se torna um ritual. Isto mesmo. Há ritos de plantação, de colheitas — ritos para cada momento. Não seguir o rito é profanar e atrair a vingança da Mãe-Terra. Para os índios da Amazônia, existem as mães do mato, do igarapé, do rio e dos peixes e da caça. Caçador que matar os animais exageradamente pode ser castigado até com a morte.

O uso dos símbolos é muito rico na mística indígena. O arquivo dos arquétipos é realmente rico. “Essa comunhão íntima com as profundezas da sua própria estrutura psíquica é uma das principais diferenças entre o modo de funcionamento da psique do índio e da psique do branco, atualmente” (Berry, 1991, 190). O índio tem visões, sonhos, mitos de uma maneira surpreendente. O descendente do europeu conhece apenas o “fenômeno”, o que aparece à vista; desconhece a sua capacidade criativa interna, o seu eu.

Entre os símbolos mais usados destacamos:

A) O fogo ou a luz — cada nação tem um mito que conta quem “roubou o fogo” original, e também o fogo dentro das malocas nunca se apaga, principalmente durante a noite;

B) A personalidade heróica ou o ideal do guerreiro — quer dizer, a vida não pode ser administrada sem sofrimentos, que surgem quando somos postos à prova em combates heróicos com os outros e o universo e conosco mesmos. O crescimento do menino e da menina índia é cheio des-

ses combates e desafios, durante os quais eles vão superando seus limites e adquirindo respeito e admiração dos outros. Mas não se trata de um herói militar, de guerras, somente — o herói deve ser um líder, ter penetração espiritual e compaixão.

C) Seres humanos-animais: acreditava-se que houve um tempo em que todos os animais falavam com os homens e entre si: foi logo depois da criação. Os mitos falavam de animais que tomavam a forma de pessoas e de pessoas que se transformavam em animais. Por ex.: o Jurupari seria um índio velho que se “ingerou” e o bôto pode se fazer passar por um atraente rapaz na Amazônia. Entre as nações, os clãs são organizados de acordo com os animais, e os comportamentos, as pinturas rituais procuram mostrar essa relação. O resultado é que os animais são respeitados, mortos apenas para o consumo, nunca por esporte. É comum encontrar nas malocas macacos, papagaios, jabutis (tartarugas) e outros animais “amansados”.

D) O rio ou o mar como símbolo de um mundo sem males — essa crença não é só dos Guaranys, mas se manifesta com alguma alteração em outros povos. As malocas são sempre próximas de riachos e igarapés. As pessoas, assim que podem, estão tomando banho, todos juntos, nadando, conversando e rindo. A água é um pedaço de liberdade e o banho coletivo uma instituição. Na bandeira dos revolucionários “cabanos”, que lutaram contra o domínio português na Amazônia nos anos 30 do século passado, estava no centro o desenho de um índio à beira de um lago ou rio com o arco e a flecha apontando para o sol. Os índios e os negros foram os que mais combateram na Cabanagem.

Esses exemplos bastam, mas há muito mais. Podemos ver que a mística dos indígenas está presente em todas as suas atividades, nas suas histórias. A vida segue como um ritual só, de várias partes, preservando

a liberdade de fazê-lo no tempo e espaço desejados.

2.2. TRABALHO E LAZER

Índios não fazem a diferença entre horas de trabalho e de lazer. Essa contradição não é da sociedade indígena. Mesmo o trabalho mais pesado dá prazer e é sempre possível interromper tudo para um descanso ou para comer frutas que alguém encontrou. Uma caminhada na mata, por exemplo, não tem previsão e chegada, pois é interrompida para apanhar frutos, cascas de árvores ou para caçar. Entre os Suruí de Rondônia, somente aqueles que trabalham para a FUNAI no posto é que correm para organizar “excursões” de lazer no final de semana. Para os outros, o trabalho na floresta ou nos rios é sempre aventura e lazer.

Trabalho é mais que lazer, é participação, é escola. Um velho sábio pode interromper as atividades na roça, de repente, e começar a explicar aos outros as lutas, as lendas, etc. E todos param para escutar. Crianças que já sabem andar no mato logo acompanham os pais e vão aprendendo a se envolver com a roça naturalmente. Em casa, na maloca, ficam só os muito velhos, fazendo artesanato ou outro serviço mais leve.

O objetivo do trabalho é basicamente conseguir comida. Pode-se passar até três dias sem sair de casa (no inverno, por exemplo), mas quando acaba o de comer, todos saem à procura. Como não acumulam mais do que um pouco de farinha de mandioca e carne assada de brasa, sempre é necessário estar trabalhando. Mas não muito. Quando há necessidade de trabalho redobrado, o dono da roça chama os outros para um “ajuri”(mutirão). Todos vão, trabalham, comem e ... no final tem festa com muita bebida e até danças. Tudo cheio de ritual e prazer. Vejamos como descreve esses momentos um frei capuchinho que trabalhou na Amazônia nos anos 40:

P
I
C
U
S
S
O
1
3
>
U
C
O

Ele diz que os índios se preocupam muito com o preparo das bebidas para o ajuri. Convidam toda a "indiada do igarapé", quase 500 pessoas, "trabalham até meio-dia, hora em que eles se acham completamente embriagados; começa então a dança e uma verdadeira orgia que se prolongam por dois ou três dias" (Alviano, 1945, 198). Essas bebidas são muito nutritivas, pois são feitas de raízes ou milho.

2.3. A MALOCA

A maloca é uma casa grande, onde vivem várias famílias, é o centro da vida tribal: local de dormir, comer e fazer festas. É o local do encontro, do afeto, do ruído geral, das piadas e da alegria. À noite, ficam nas redes, conversam, passam os bebês de mão em mão e comem. Há uma fogueira para cada família. O fogo é o laço doméstico mais íntimo. De uma rede é possível conversar com quem está nas outras.

A maloca é plural. Enquanto algumas mulheres cochicham, outros varrem, alguém canta... Ninguém interrompe ninguém. Não há a preocupação com a uniformidade. Também não é possível ficar muito tempo sozinho. Logo vem alguém saber como foi o dia, a caça, ou conta novidades ou faz brincadeiras. Tudo misturado com fumaça e cheiro de comida, pois come-se a toda hora, desde que haja comida e vontade. Aí as pessoas demonstram que precisam umas das outras e que isso é muito bom. Isso no inverno acontece durante todo o dia (enquanto houver comida). Lá dentro reina a alegria, e lá fora a chuva cai.

2.4. A PARTILHA

"A vida se faz de muitas trocas, com ruído e alegria. O afeto circula muito através da comida. Cada prato, cada manjar encontrado no mato é desejado por si e porque pode ser dado aos outros. Ninguém

deixa de ganhar pelo menos um pouquinho do que chega à casa... É feio pedir comida, mas muito pior é não dar o que foi visto" (Mindlin; 1985, 31). As famílias gostam de se visitar, trocar informações e coisas. Se a colheita foi boa, passa-se até uma semana andando até encontrar aqueles com quem se quer comer junto, dividir. Comer junto é convívio e amizade.

A partilha perpassa todas as dimensões da vida de um índio. Além das provisões, ele partilha o trabalho (no ajuri), a fogueira ao redor da qual arrumam as redes por causa do calor. Até na morte há partilha. Entre os Yanomami Sanumá há um ritual que dura 10 dias, em que as pessoas comem as cinzas do morto para obter sua coragem. Partilham a vida toda.

2.5. A VIDA É ALEGRIA- ESPONTANEIDADE-FESTA

Ainda que esteja cansado do trabalho uma pessoa é sempre capaz de brincar. A brincadeira e a alegria são constantes numa aldeia. "Estão sempre alegres e bem dispostos. Onde se acham dois índios está a alegria: riem a propósito de tudo, o que talvez tenha dado motivo a que alguns exploradores os tenham comparado a eternas crianças". E quem disse isso foi o famoso Rondon.

Essa concepção da vida como uma festa, um ritual, uma atividade que deve dar acima de tudo prazer nos parece muito distante. Mas não é difícil entender. Sem a preocupação com o trabalho exagerado, sem pressa, sem a gana de juntar produtos, o índio encara a sua existência como uma coisa que deve ir se realizando de modo criativo e leve. Claro que existem regras, mas elas têm como objetivo exatamente resguardar esse estilo de vida. O incesto é proibido e um suposto pajé que esteja fazendo feitiços, prejudicando os outros, pode ser morto por seus vizinhos. O que está sempre no fim é a proteção da comunidade e da vida.

Talvez essa característica das sociedades indígenas tenha íntima relação com a natureza, com a qual aprenderam a conviver pacificamente e com a estruturação da sua sociedade. Como escreveu Orlando Villas Boas, "o índio em sua tribo tem um lugar estável e tranqüilo. É totalmente livre, sem precisar dar satisfação de seus atos a quem quer que seja... Se um indivíduo der um grito no centro de São Paulo, uma rádio-patrolha poderá levá-lo preso. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem irá perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre".

Toda essa alegria culmina nas danças e nas festas que duram em torno de 5 dias e noites ininterruptos. As danças estão ligadas a determinados animais, espíritos da floresta ou à vida dos indígenas. Podemos observar aí algo próximo do "ritmo" da terra, do movimento das águas, do vento, dos animais, etc. Esta dedicação às festas mostra que a razão da existência do indígena é mesmo o prazer e a alegria. Só.

2.6. O PODER

O poder entre os indígenas não é exercido com base no medo, na repressão e na limitação da liberdade do indivíduo. O chefe não manda e nem dá ordens. Ele é apenas representante da tradição e da cultura, da experiência. O chefe tem que ser o que é mais sábio. Não existe a delegação do poder. Mesmo com o tuxáua, cada indígena continua absolutamente livre para fazer o que quiser. Inclusive porque ele não depende de ninguém para nada, pois cada um sabe fazer o que precisa, é autônomo. O chefe só ajuda com que essas liberdades se combinem na comunidade.

Aquele que tem poder deve fazer com que as informações estejam abertas a todos. Quer que o saber seja coletivizado, nunca propriedade de um grupinho, o que favoreceria o poder autoritário. Nem os pais

são autoritários com os filhos. É difícil um indígena gritar com uma criança, muito menos espancá-la. Talvez por isso lá não exista menino de rua, bordel, hospício etc.

O que iria encontrar um indígena que com essa visão e experiência tentasse entrar para uma das nossas congregações? Um mundo completamente diferente, baseado em outros parâmetros, pois a VR está dentro da Igreja, que tem outras características bem definidas. Diante dessas marcas das sociedades indígenas talvez precisemos colocar as características básicas da VR para, então, fazer uma comparação. Esse já seria um outro momento, mas podemos levantar agora alguns questionamentos, que servirão de "conclusão" a esse texto, afinal a discussão só começou.

3. CONCLUSÃO

Enquanto o Deus indígena é algo presente de várias formas na vida da comunidade, o Deus da VR não seria algo tão poderoso e onipotente que termina por ficar distante dos pobres mortais pecadores, por mais que estes se esforcem para se aproximar dele? A mística natural gera uma reverência para com todas as criaturas. E a mística do Salvador, muito mais crucificado que ressuscitado, o que tem gerado em termos de solidariedade eficaz nos servos viventes? Enquanto a simbologia natural deixa sempre a liberdade para novas interpretações, não estaria a simbologia católica, e da VR em especial, já toda acompanhada da interpretação "oficial" e possível? Ou seja, a nossa simbologia deixa espaço para o sonho, a fantasia e a criatividade?

O trabalho para os religiosos é fonte de prazer e alegria ou é uma penitência a mais? Por que precisamos nos esforçar tanto para criar "momentos de recreio", lazer e esporte e não para tornar a VR toda

um recreio de ser vivido? Falando em lazer, qual é o lugar que ocupa a televisão nas nossas casas? Em muitas comunidades é só diante do aparelho que muitos se reencontram à noite. Nas sociedades indígenas muitas vezes é só diante da fogueira que muitos se reencontram também, com a diferença de que é para conversar e se divertir.

Creio que esses pontos que apresentei podem servir para pensarmos melhor sobre como as sociedades indígenas teriam bastante a ensinar para os religiosos de boa vontade. Afinal, o que elas já vivem não é o que estamos refletindo e estudando em todos capítulos e retiros? Falo de coisas antigas como fraternidade, partilha, simplicidade, abertura, afetividade...

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. A vida de uma comunidade indígena segue o ritmo da natureza que a envolve, possibilitando uma mística natural incluída entre as mais elevadas tradições espirituais da humanidade. É talvez a forma de mística de que mais necessitamos hoje, para reorientar a consciência das pessoas aprendendo a reverenciar a terra e garantir a sobrevivência dos bio-sistemas do continente. O que você pensa destas afirmações do autor?

2. A vida se faz de muitas trocas, com ruído e alegria. O afeto circula muito através da comida. Cada prato, cada manjar encontrado no mato é desejado por si e porque pode ser dado aos outros. Se a colheita foi boa, passa-se até uma se-

mana andando só para encontrar aqueles com quem se quer comer junto, dividir. Compare estes costumes indígenas com o nosso modo de proceder na sociedade e mesmo nas casas religiosas: que semelhanças, que diferenças são observáveis?

3. Ainda que esteja cansado do trabalho uma pessoa é sempre capaz de brincar, de celebrar. Isto fez com que alguns tenham comparado os indígenas a eternas crianças, fazendo da vida uma atividade que deve dar acima de tudo prazer. Você acha esta atitude existencial válida? Como compatibilizá-la com um mundo de necessidades, eficiências, interdependências, compromissos?

SOLIDARIEDADE, QUEM ÉS TU?

Solidariedade, quem és tu?
 Eu sou o compromisso nas alegrias
 e nas tristezas,
 Defendendo a vida
 que está sendo ameaçada.
 Para isto tenho que estar atenta
 Às necessidades dos irmãos e irmãs
 Com quem convivo.

Solidariedade, quem és tu?
 Sou a força viva
 que está dentro do coração.
 Que te faz aproximar do irmão,
 Que te faz amar sem distinção.
 Sou companheira do negro
 e do índio,
 Que me buscam sem cansar,
 Que por mim se unem aos irmãos,
 Para juntos transformar.

Solidariedade, quem és tu?
 Sou amiga de todas as horas.
 Que horas, solidariedade?
 Nas alegrias e nas lutas com o povo,
 Nas conquistas, no sofrer
 E nas celebrações da vida.
 Eu sou aquela que sente
 a necessidade do outro,
 E vai ao seu encontro.

Solidariedade, quem és tu?
 Sou a sensibilidade para com os
 acontecimentos,
 E para com o outro.

E sei que o outro precisa de minha
 colaboração,
 Em todos os níveis.

Senhor, quero ser sensível
 à solidariedade,
 Ajudando o povo negro que sofre,
 Tomando consciência e conhecendo
 seus direitos,
 Para juntos lutarmos pela mudança,
 Nesta sociedade injusta e violenta.

Senhor, meu Deus,
 foste Tu que fizeste o mundo
 E tudo que há nele,
 Para a felicidade dos seus
 semelhantes.
 Só que muitos gananciosos
 acumularam tudo para si,
 E deixaram a maioria do teu povo
 na miséria.
 Eu não me contento ao ver milhões
 de irmãos
 Sofrendo as piores consequências
 da não-vida.

Senhor, ajuda-me a lutar contra tudo
 Aquilo que oprime a mim
 e a meus irmãos
 Negros e índios.
 Como: a fome, a violência,
 a discriminação,
 As doenças, o analfabetismo
 e o extermínio.

UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE EM TORNO DO RITO CATÓLICO AFRO-BRASILEIRO

Fr. David Raimundo Santos, OFM*
São João de Meriti, RJ

Busca, paciência, abertura ao diálogo, sensibilidade. Eis algumas das qualidades que devem ser cultivadas neste atual período de estudo e estruturação de um Rito Católico Afro-Brasileiro.

INTRODUÇÃO

Vivemos uma fase rica em torno da questão Litúrgica e o Rito Católico Afro-Brasileiro. O debate está ganhando impulso entre os Agentes de Pastoral Negros, e também dentro dos vários setores negros específicos: encontro de Mulheres Negras, encontro de Padres e Bispos Negros, encontro dos Religiosos Negros etc. Percebe-se que na alta hierarquia da Igreja o assunto chegou meio de surpresa, levando, inclusive, o Cardeal negro de Salvador, BA, Dom Lucas Moreira Neves a ocupar a sua coluna do *Jornal do Brasil* de 4/4/90 com o assunto.

Precisamos garantir e contribuir com este clima de debate, pois todos vamos ganhar com isto!

1. O PROCESSO DE INCULTURAÇÃO NA ÁFRICA E SEUS CONFLITOS

Em 12 de abril deste ano de 90, a Comissão dos Religiosos Negros do RJ recebeu a visita de uma **delegação Africana** na baixada fluminense. Foi um rico momento de troca de experiências. Alguns nos relataram como se deu em seus países o processo de inculturação da cultura negra, em suas respectivas Igrejas:

1) Segundo o Pastor da Igreja Presbiteriana da Nigéria, JAMES UDOGU UKAEGBU, até o ano de 1972 o som dos atabaques eram apresentados como sendo a voz do diabo! A partir daquele ano, **iniciou-se um processo de recuperação dos elementos africanos na liturgia da Igreja Presbiteriana da Nigéria**. Hoje podemos dizer que avançamos bastante. O próprio presbitério é quase todo Nigeriano!

2) Segundo LAZARE BAUKURUNAZI, da Igreja Metodista Unida de Burundi, África, em 1976 os negros da Igreja começaram a questionar as atitudes de massacre à cultura autóctone. Em 1982 o questionamento atingiu o seu auge, e hoje

* O AUTOR: o Frei franciscano David Raimundo Santos, OFM está liberado para o trabalho junto à Comunidade Negra; é membro da Secretaria Executiva Latino-Americana da Pastoral Afro e do GRENI Nacional.

os negros da Igreja Metodista de Burundi são um exemplo de como ser cristão sem deixar de ser negro!

3) Segundo LOUISE TAPPA, Pastora Negra da Igreja de Camarão, África, o primeiro Pastor expulso de sua Igreja foi um branco, porque não aceitava que só a cultura branca tivesse vez na Igreja Batista. Ele adotava o estilo da música dos pescadores de Camarão nos cultos da Igreja. O processo continua de maneira lenta até hoje. A Igreja Católica de Camarões está mais à frente.

Eles cantam e dançam segundo o costume Africano. No entanto, cometem outro erro: o vinho que usam nas missas tem de vir da Itália! Não usam o vinho local.

Esses testemunhos revelam que o processo é irreversível. É só questão de tempo! A própria Igreja Católica mantém, de maneira optativa, em alguns países da África, em paralelo com o rito Romano, o rito próprio da cultura daquele povo. É o caso do Zaire e de Moçambique.

2. O PROCESSO DE INCULTURAÇÃO NO BRASIL E SEUS CONFLITOS

Elencamos aqui alguns pontos que, acreditamos, irão contribuir com a reflexão que se processa em nosso meio:

a) Este Rito irá atender os 97% de leigos negros, os 85% de padres negros e os 72% de Bispos negros que, por terem uma formação conservadora, têm dificuldades em aceitar aquilo que não emana do centro do poder da Igreja. Sendo futuramente aprovado o rito católico Afro-Brasileiro, estes nossos irmãos poderão ter a coragem de dar alguns passos em direção à cultura de seu povo negro.

b) Com certeza, os 3% de católicos negros leigos, os 15% de padres negros e os 28% de Bispos negros que já vivem num processo de assumir a cultura negra, não precisam de um rito Afro oficializado. *Pelo contrário*: este rito possivelmente, estará aquém do que já se faz em nossos encontros específicos.

c) Assumir a negritude é um processo. Há bloqueios em muitos padres, Bispos e leigos negros, causados pelo fato de que a Igreja estava em silêncio ou alguns bispos se posicionavam contra um rito afro. A Igreja, nesta nova fase, se posicionando e tendo uma abertura (mesmo limitada) sobre a questão, já contribuirá com o desbloqueio e também comprometerá um pouco mais toda Igreja com a desafiante caminhada do povo negro.

d) Estamos numa fase de busca, de questionamentos, de debates. É preciso garantir a todos o direito de opinar sobre este polêmico assunto. Alguns querem cercear o debate. Será que estes já têm na cabeça um projeto litúrgico para o negro e querem impor sem debates? Alguns pensam só a partir da minoria (3%) em processo de conscientização, esquecendo-se da grande maioria negra católica (97%) que não foi ainda agraciada com a conscientização.

e) A abertura do Vaticano no sentido de admitir que se estude uma proposta de um futuro rito afro está trazendo mais uma vez (depois do centenário) a grande imprensa o tema do negro, para o debate de todos os setores interessados.

f) Alguns setores de católicos negros são contra a criação de um rito afro-brasileiro específico. Defendem a idéia de se introduzir, em caráter oficial valores da cultura negra no ritual romano comum para todo o Brasil. Com esta atitude estaremos correndo o perigo de repetir contra os italianos, alemães, japoneses, etc. os mesmos erros que cometeram contra nós, durante

100 anos: **impingiram-nos um ritual europeu.** Acreditamos que estaremos regredindo se exigirmos que italianos, japoneses etc. coloquem, por exemplo, *atabaques* em suas missas.

g) Os católicos japoneses que participam da **Pastoral Nipo-Brasileira** celebram missa em japonês e introduzem valores da cultura japonesa em suas missas. O mesmo fazem os alemães, os ucranianos, etc. A atitude destes grupos étnicos trouxe, entre outras coisas, a **legitimação e o fortalecimento destes grupos étnicos.** Um dos grupos étnicos menos fortalecidos e legitimados é justamente o **grupo negro, cujos descendentes ainda não haviam procurado dar este passo.**

h) A polêmica que surgiu dentro da hierarquia católica por causa do possível rito afro está diretamente ligada à **histórica repressão e opressão** sofrida por todo o povo negro e suas manifestações culturais, religiosas e políticas. **O povo negro só obteve plena cidadania dentro da Igreja Católica há aproximadamente 30 anos.**

i) Alguns intelectuais ligados ao candomblé estão com medo de que **um rito afro aprovado por Roma venha esvaçar as comunidades de terreiro.** No entanto, o que está acontecendo é o contrário: nestes últimos 5 anos podemos apresentar mais de 10 leigos, religiosos e até padres que passaram a frequentar o candomblé. **Desafio os intelectuais do candomblé a nos apresentar uma só pessoa que era de candomblé e o abandonou para ser só católica, por causa da nova liturgia e reflexão dos negros católicos!**

j) Um rito católico afro-brasileiro não quer assimilar aleatoriamente os valores religiosos do candomblé ou da umbanda. **Estamos em busca dos valores culturais comuns a todo povo negro.** É comum que neste processo de busca aconteçam fatos

ou se usem elementos que, durante a caminhada, mostrem que não são adequados à fé católica. Por outro lado, a umbanda e o candomblé têm se apropriado de elementos católicos: imagem de N. Sa. Aparecida, São Jerônimo etc., como também têm seguido rigidamente o tempo litúrgico da quaresma, etc. No entanto, acreditamos que o debate não pode tomar esse rumo.

k) Não podemos esquecer que **os valores culturais do povo negro formam um patrimônio universal,** assim como também são um patrimônio universal os valores culturais dos japoneses, dos americanos, dos chineses etc. Esses valores existem para enriquecer a vida de todos os que quiserem abraçá-los.

l) Alguns negros católicos temem que, sendo aprovado um rito afro-brasileiro, a Igreja católica exerça um grande controle sobre a maneira de celebrar já comum a alguns de nós. É fundamental fazermos a seguinte distinção: **uma coisa é introduzir valores culturais negros nas celebrações eucarísticas (missa).** Sem dúvida, este processo tem de ser dar em plena harmonia com a hierarquia da Igreja. **Outra coisa é fazermos celebrações afro fora da missa. Para estas não há normas, a não ser o bom senso do grupo que celebre.** A aprovação de uma missa com um rito afro em nada irá dificultar a criatividade nas celebrações que fazemos sem missa. **As duas expressões poderão e deverão coexistir naturalmente.**

m) Historicamente a Igreja católica, ao entrar em contato com novas culturas, tem tido duas atitudes:

* Se a cultura for "fraca" ela **impõe a sua cultura,** destruindo, nos novos membros, os valores culturais que possuíam.

* Se a nova cultura for "forte" esta **impõe à Igreja, junto com os adeptos que ela conquistou, valores da cultura destes adeptos.**

Ex.: a cultura grega, romana etc., coexistem até hoje dentro da Igreja Católica com os valores da cultura cristã inicial que foi a cultura judaica.

CONCLUSÃO

Busca, paciência, abertura ao diálogo, sensibilidade. Estas são algumas das qualidades que devemos cultivar neste atual período em torno do assunto *rito católico afro-brasileiro*. O documento 40 da CNBB, no número 236, expressa esta sensibilidade a que nos referimos:

Nº. 236 — “Fenômeno similar, em forma agravada, repetiu-se com a população negra, trazida à força da África pelos escravistas. Sua evangelização inicial consistia no gesto do batismo sem suficiente evangelização e sem devida integração dos elementos de suas próprias culturas na nova situação de batizados. Em grande parte das religiões dos negros, cultivadas às escondidas, os ajudam a conservar muitos elementos culturais que foram gradativamente se entrelaçando com expressões culturais e religiosas da população branca, indígena e mestiça, influenciando a cultura e a religiosidade popular”.

É impossível querer que no Brasil, após 400 anos, as culturas estejam intactas! As culturas se entrelaçaram em vários setores da sociedade. Um dos poucos setores da sociedade que conseguiram man-

ter a “ferro e fogo” um bloqueio às culturas negras e indígenas foram as Igrejas cristãs e, mais especificamente, a Igreja católica. Depois de muito esforço este bloqueio começa a cair. E qual é a sua posição? Ajudar na queda do bloqueio ou reforçar o bloqueio contra a penetração da cultura negra dentro da Igreja católica?

EM TEMPO:

1) Acreditamos que este período de pesquisa sobre o possível Rito Afro-Brasileiro não deva ser apressado. É importante que tenhamos todo tempo necessário para pesquisar, refletir, etc. É fundamental observar as experiências já avançadas das várias Igrejas cristãs da África. Todas as instâncias dos grupos negros católicos (em nível local, regional, estadual e nacional) podem e devem criar comissões de trabalho, cujos resultados devem enviar, como contribuição, à comissão da CNBB que, com certeza, terá negros que participam de nossa caminhada. Também é importante que enviemos todos os questionamentos e dúvidas sobre esse tema.

2) O Bispo de Duque de Caxias, DOM MAURO MORELLI, já pediu publicamente ao conselho Diocesano de Pastoral da Diocese que coloque a Diocese à disposição da CNBB como espaço para fazer as experiências do Rito, assim que chegar a fase das experiências.

O RITMO DO CORAÇÃO

Os negros vivem na luta
Com seus mitos e tradições,
Trazendo suas raízes
Para embelezar cordões.

O atabaque que bate
Bem dentro do coração,
Estremecendo nas veias,
Fazendo o negro irmão.

Os berimbaus soam na vida da gente,
Nos coloca em sintonia
Com o nosso Olorum.

A negritude é semente
Em todo lugar,
Semeada em outras raças,
Fazendo-se frutificar.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de julho de 1995

A **Conferência dos Religiosos do Brasil**, CRB Nacional, está realizando sua XVII Assembléia Geral Ordinária Eletiva, em São Paulo, SP, nos dias 24 a 28 deste mês de julho. É um acontecimento de realce para os(as) Religiosos(as). São cerca de 700 Superiores Maiores ocupados e preocupados em aprofundar as questões, ouvir com atenção, traduzir com propriedade, assumir, para atuar, decisões sobre a **animação e promoção da Vida Religiosa**, no presente e no futuro, em suas Províncias e Congregações e na Igreja no Brasil.

Como interlocutor(a) atento(a), revele, desde já, sua **forte vontade de participar**, incompatível com absenteísmo, negligência e desinteresse. Um sinal de nosso tempo de pensamento, referencial e paradigma pós-modernos, é o sentido mais vivo e exigente da liberdade, da responsabilidade e co-responsabilidade. **Participar, pois, em alto nível**, firmando posições construtivas. Participar de direito passa a dever. Suas sugestões não decidem mas ajudam na cristalização das tendências e na decisão mais adequada. São um atestado de sua lucidez. Participar: pôr em debate e em comum as próprias seguranças, valores e certezas.

Coisa extemporânea é **ficar sozinho na busca de soluções**. Não esperar salvador carismático, oportunista de gênio, de fórmulas mágicas. Ninguém, nem pessoa nem instituição, se realiza sem a inserção no plano maior do corpo social a que pertence. Importante é uma vontade coletiva, apontada para a direção certa, resultante de um trabalho conjunto de reflexão e análise objetivas e críticas. Espírito de equipe, sem estrelismo, vedetismo ou individualismo. Responsabilidade concêntrica e crescente: pessoa, comunidade, província, congregação. Resposta construída em comum progressivamente sincera e concreta compatibilizando o futuro e o presente. Em área alguma existem hoje problemas especificamente pessoais. Os problemas de cada um são de todos. Estão interligados e se afetam reciprocamente para o bem e para o mal. Sofremos, gozamos, perdemos e ganhamos com tudo o que acontece em todos os quadrantes desta nave chamada Terra. Todos se sentem envolvidos nesta realidade de um mundo-aldeia.

Superior(a) Maior, com sua palavra certa, na hora exata, em tom esperançoso, responda **PRESENTE** à **XVII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB**. Sua presença é um presente esperado. Da união promana a força para enfrentar os desafios de novos tempos. Cada tempo põe ao Evangelho novas perguntas e para cada tempo tem o Evangelho novas luzes. Nossa união é a marca da presença do Senhor. **O Reino exige união e soma de esforços**. Quando se une, se ganha. Quando se divide, se perde. Isolados, somos frágeis. Unidos, cada um exercitando suas características de complementaridade, tornamo-nos imbatíveis. Sem união, os resultados retardam ou não chegam.

A união multiplica as opções e otimiza a capacidade de decisão e acerto. Nossa salvação — a salvação de cada congregação — não é um empreendimento egoísta, em que tentamos salvar-nos sozinhos e desfrutar, com exclusividade, nossa pequena salvação. **Deus é um mistério de união**. Três pessoas distintas. Um só Deus. Envolver-se, pois. Não ser como árvores à margem do rio. As águas passam e se vão. Elas ficam alheias ao fluxo e refluxo aceitando conviver com suas fronteiras movediças. A correnteza lhes dá a sensação de estar em movimento. Iludem-se aguardando a última vaga de uma maré que não volta mais a bater nas praias de sua história.

Urge caminhar, embora no ritmo que a realidade permite. É a realidade, para quem não é ficcionista, é repetitiva, às vezes, desconcertante. Supera os desvarios da imaginação. A realidade da pessoa, o seu ritmo natural, é o passo. Quem corre sempre ilude-se que o outro está parado. **Respeitar o ritmo das pessoas**, predispor-se, também, a acelerar, quando preciso. Uma grande Assembléia, como esta da CRB, é cenário para o exercício de humildade, flexibilidade, força interior de quem sabe esperar, generosidade para construir a partir do existente, distinguindo entre o ideal e o possível. Diligência, persistência, paciência de aranha tecedeira. Convicção e docilidade à graça.

Mas, envolver-se. O que não se agita, se atrofia. Perde a função. Não desenvolve. Regrida. Morre. É a lei da natureza, válida tanto para as pessoas quanto para as instituições. A Vida Consagrada é união de pessoas, abertas à confrontação séria, adulta e serena e habituadas à paciência e aos árduos labores de uma construção lenta e segura e de todos. **Participar de forma razoável**. Iniciativas. Algo mais palpável do que intenções meramente declaradas. Presença e ação. O modo de agir tem ressonância incomparável. **Presença e ação**: o preço para chegar a novas fronteiras e descobrir horizontes novos. Esta é dramaticamente uma hora de ação.

Desejando-lhe aquela **PAZ** que tem ressonâncias messiânicas porque exprime a paz do próprio Deus, nosso sumo **BEM**, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB